



**FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE**  
**CURSO: PSICOLOGIA**

**A EXPERIÊNCIA RELIGIOSA NO GRUPO DOS  
ALCOÓLICOS ANÔNIMOS**

**LUCIANA NEVES LAGERCRANTZ**

BRASÍLIA  
JUNHO/2007

**LUCIANA NEVES LAGERCRANTZ**

**A EXPERIÊNCIA RELIGIOSA NO GRUPO DOS  
ALCOÓLICOS ANÔNIMOS**

Monografia apresentada ao Centro  
Universitário de Brasília como requisito  
básico para a obtenção do grau de  
Psicólogo da Faculdade de Ciências da  
Saúde. Orientador: Prof. Dr. Maurício  
Neubern.

Brasília/DF, Junho de 2007



FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE  
CURSO: PSICOLOGIA

Esta monografia foi aprovada pela comissão examinadora composta por:

---

Prof. Dr. Maurício Neubern

---

Prof<sup>ª</sup>. Valéria Mori

---

Prof<sup>ª</sup>. Sandra Báccara

A menção final obtida foi:

---

BRASÍLIA, JUNHO/2007

*Dedico este trabalho ao meu pai, que incentivou cada passo da minha trajetória profissional, me deu exemplo de pessoa íntegra e transforma meus sonhos em realidade.*

## AGRADECIMENTOS

*À Deus, Autor da minha vida, pela proteção em todos os momentos;*

*Aos meus pais, por todo amor;*

*À toda minha família e amigos, às vezes distantes, porém sempre presentes;*

*Ao meu orientador, Maurício, pelo ensinamento do aspecto religioso no contexto psicológico, pelo seu otimismo e apoio fundamentais e;*

*Ao meu amigo Bruno, não só pela ajuda neste trabalho, mas, principalmente, pelo carinho e exemplo de pessoa íntegra.*

## RESUMO

Este trabalho busca fazer um estudo, em termos psicológicos, sobre o método terapêutico utilizado no grupo dos Alcoólicos Anônimos. Apesar da Irmandade em questão não se considerar uma religião, o objetivo é compreender que existem elementos que se assemelham aos ensinamentos religiosos e que são utilizados no seu programa como método terapêutico para a libertação do alcoolismo. Para tanto, a atenção será concentrada para o aspecto humano do problema religioso, e não no estudo das religiões institucionalizadas. Busca-se entender como a religião pode influenciar o psiquismo do ser humano e provocar mudanças que podem ser benéficas para ele. Alguns dogmas da religião contribuíram para o surgimento dos Alcoólicos Anônimos, a saber: a confissão dos defeitos de personalidade, a ajuda ao próximo, a necessidade de um inventário moral, a reparação junto aos que havia prejudicado e a necessidade de acreditar e confiar em Deus. Esses elementos podem causar uma alteração na consciência, o que é entendido pelos Alcoólicos Anônimos como crescimento espiritual necessário para alcançar a sobriedade serena e não apenas parar de beber. Dessa forma, os Alcoólicos Anônimos utilizam elementos religiosos em seu método terapêutico, que permitem a visão do indivíduo em suas diversas dimensões. Sendo o alcoolismo uma doença que tem severas repercussões individuais, sociais e econômicas de âmbito mundial, seu método de tratamento torna-se difícil. A maioria dos outros métodos terapêuticos existentes para o alcoolismo não possuem essa visão do indivíduo em sua totalidade e esse pode ser o motivo pelo qual as religiões e os Alcoólicos Anônimos têm um poder tão grande de recuperação. Para a Psicologia, portanto, é de suma importância levar em consideração os aspectos religiosos, uma vez que eles têm uma influência muito grande sobre o indivíduo e sua saúde psíquica, além de que a espiritualidade faz parte de todo ser humano. A religião pode possibilitar que o indivíduo volte seu pensamento sobre si mesmo, sobre o sentido de sua vida e sobre sua existência. Assim, é possível e interessante a inserção da dimensão espiritual na visão de um homem integral.

**Palavras-chave: Alcoólicos Anônimos, religião, Psicologia, espiritualidade.**

### *Oração da Serenidade*

*Concedei-me, Senhor, a Serenidade para aceitar as coisas que não posso modificar; Coragem para modificar as coisas que posso; E Sabedoria para saber a diferença; Viver um dia de cada vez; Aproveitar um momento de cada vez; Aceitar as dificuldades como um caminho para a paz; Tomar, como Ele o fez, este mundo pecaminoso como ele é, não como gostaria que fosse; Confiando que Ele tornará todas as coisas corretas se eu me submeter à Sua vontade; Que eu possa ser razoavelmente feliz nesta vida e supremamente feliz com Ele para sempre na próxima. Amém. (Reinhold Niebuhr)*

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>p. 09</b>
<b>CAPÍTULO I – O SENTIMENTO RELIGIOSO .....</b>	<b>p. 13</b>
1.1 O sentimento religioso segundo William James.....	p. 13
1.2 A busca de sentido de Victor Frankl.....	p. 17
1.3 A religião do ponto de vista de Jung.....	p. 22
<b>CAPÍTULO II – OS ALCOÓLICOS ANÔNIMOS.....</b>	<b>p. 27</b>
2.1 Breve histórico.....	p. 27
2.2 A Irmandade.....	p. 28
2.3 Aspectos gerais do alcoolismo.....	p. 32
2.4 A espiritualidade no A.A.....	p. 36
2.5 A importância do grupo no A.A.....	p. 39
<b>CAPÍTULO III – A EXPERIÊNCIA RELIGIOSA NO A.A. ....</b>	<b>p. 43</b>
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>p. 68</b>
<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>p. 71</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>p. 76</b>

Os conceitos religiosidade e espiritualidade parecem estar sofrendo uma mudança em seus sentidos, segundo Xavier (2006). A primeira tende a denotar um sentido mais estrito, mais vinculado à religião institucional, enquanto que a segunda tende a ser diferenciada de religião em função de um sentido mais individual e subjetivo de experiência do sagrado. Lukoff (1992, citado em Faria & Seidl, 2005) distingue religiosidade de espiritualidade, definindo aquela como adesão a crenças e a práticas relativas a uma igreja ou instituição religiosa organizada, e essa como a relação estabelecida por uma pessoa com um ser ou uma força superior na qual ela acredita. Dessa forma, o termo espiritualidade abrange crenças, idéias e ideais religiosos de diferentes correntes religiosas, com ênfase na crença do indivíduo. Para Xavier (2006), essas mudanças podem estar vinculadas às transformações ocorridas na cultura ocidental ao longo dos últimos séculos. Segundo ele, as pessoas estão começando a buscar maneiras mais subjetivas de religião, escolhendo crenças, idéias e ideais religiosos de diferentes correntes. Assim, o conceito de espiritualidade vem sendo usado para tentar elucidar essa mudança.

Diante disso, as pessoas têm recorrido à espiritualidade como meio de encontrar um sentido na vida e/ou curar-se de doenças, compulsões e vícios. As religiões, antes fonte de sentido/significado aceito coletivamente, vieram a perder grande parte desse poder (Xavier, 2006). Nos grupos de mútua-ajuda, porém, aumenta o número de adeptos a cada ano, provavelmente por não se aterem a uma determinada doutrina teológica. Esses grupos utilizam a denominação “espiritual” para descrever o teor do seu programa terapêutico, com o intuito de mostrar que é constituído por diversas opiniões.

Acredita-se que a religião e os grupos de mútua-ajuda tenham uma influência muito grande no processo de cura, constituindo um auxílio importante no tratamento de comportamentos compulsivos, como é o caso do alcoolismo. Assim, pretende-se, neste trabalho, fazer uma reflexão acerca do método terapêutico dos Alcoólicos Anônimos (A.A.) e

a importância do componente religioso que parece estar presente neste. Uma vez que tal grupo se considera uma Irmandade e não uma religião, o objetivo é compreender quais elementos têm tamanho poder de resgatar pessoas alcoólicas e os processos de subjetivação que geram para elas.

Assim, no primeiro capítulo será abordado o sentimento religioso sob o ponto de vista de três psicólogos: William James (1987), Viktor Frankl (1990) e Jung (1993), os quais fizeram estudos relacionados à religiosidade. William James (1987) se aprofundou na religião enquanto experiência pessoal, compreendida por vias irracionais e sentimentais. Viktor Frankl (1990) entende a religião como uma busca por um sentido último. Já Jung (1993) encontra as bases da religiosidade na vida arquetípica, que será detalhada no decorrer do trabalho. O segundo capítulo trata da Irmandade em si, seu funcionamento e como a espiritualidade se mostra presente nesta. Já no terceiro capítulo há um estudo mais detalhado dos elementos religiosos presentes nos Alcoólicos Anônimos e a relevância destes como método terapêutico e psicológico.

Este estudo buscou fazer uma reflexão acerca da subjetivação da experiência religiosa dentro do grupo dos Alcoólicos Anônimos, que vivenciam a religiosidade através de experiências do contato com um Poder Superior<sup>1</sup>. Os integrantes dos Alcoólicos Anônimos acreditam que o contato direto com um Poder Superior é o meio mais eficaz para poder alcançar a evolução espiritual e a tão desejada sobriedade. Seus princípios básicos foram tomados emprestados principalmente das áreas da medicina e da religião, embora algumas das idéias as quais eventualmente levaram ao êxito resultaram da observação do comportamento e das necessidades da própria Irmandade (A.A., 1996). Porém, o grupo dos Alcoólicos Anônimos se descreve como um “programa espiritual”, diferenciando-se de “programa religioso”, uma vez que seus princípios tiveram influência de várias religiões.

---

<sup>1</sup> Termo utilizado desta forma nos Alcoólicos Anônimos, para designar figura religiosa por eles concebida.

Uma religião tem caracteristicamente uma origem divina, ela orienta as pessoas quanto ao seu relacionamento com o Poder Superior e promete suas recompensas e punições após a morte. Uma filosofia tem origem humana, ela orienta as pessoas quanto ao seu relacionamento com o próximo e promete suas recompensas e punições durante a vida. O A.A., para mim, é uma filosofia. Se nós, alcoólicos, seguirmos a filosofia de A.A., poderemos reconquistar a compreensão das nossas diversas religiões (A.A., 1996. p 11).

Vários estudos foram realizados com o objetivo de compreender o método terapêutico de Alcoólicos Anônimos e sua eficácia. Segundo Campos (2005) os Alcoólicos Anônimos visam a “conversão” de seus membros, tornando-o Outro que, com a suavização de seu egoísmo, sua hostilidade e seu ressentimento, pode religar os fios que foram rompidos com a totalidade que um dia fizeram parte. Ao invés de buscarem a emancipação do sujeito, os Alcoólicos Anônimos buscam, na visão deste autor, recuperar seu lugar na totalidade social – expressa nas reuniões de recuperação do grupo de A.A., na família, no trabalho e nas relações afetivas. Já segundo Almeida & Rodrigues (2002), a eficácia dos Alcoólicos Anônimos é devido ao fato de que eles trabalham com a dimensão da escolha, que permite que cada um possa, a todo momento, determinar o seu destino. Roehe (2004), por sua vez, atribui à religiosidade o êxito que encontra-se nos Alcoólicos Anônimos. O programa é uma adaptação de princípios cristãos para uma suposta "doença emocional" que se caracteriza precisamente pelo distanciamento desses princípios. Sendo assim, a experiência religiosa se confunde com a recuperação emocional, na visão do autor.

Segundo Frankl (1990), o vazio existencial que está muito presente na modernidade caracterizada por uma falta de sentido. Para o autor, esse vazio pode vir do distanciamento do indivíduo com sua própria espiritualidade. Esta última é, segundo o autor, uma característica

do ser humano, a essência da existência humana. Assim, a espiritualidade facilita a busca da própria essência interior, sendo uma necessidade de todo ser humano. O grupo dos Alcoólicos Anônimos apresenta o ser humano em suas múltiplas dimensões, principalmente na dimensão espiritual. O componente religioso, portanto, deverá ser entendido como o desenvolvimento pessoal do alcoólico, na forma como compreende sua existência e busca sentidos para se livrar do alcoolismo.

A espiritualidade é um tema central no discurso e programa de recuperação dos Alcoólicos Anônimos, o qual tem uma visão do indivíduo levando em consideração seu aspecto subjetivo e não somente sua individualidade própria. A espiritualidade elabora um sistema de significados, através do qual organizam a experiência histórica do ser humano, conferindo-lhes sentido. Essa visão da subjetividade coincide com o pensamento de González Rey (2005), para o qual o fenômeno subjetivo não é considerado apenas como individual, mas como constituinte dos diferentes espaços sociais da atividade humana. Assim, segundo o autor, entendemos subjetividade como “a organização dos processos de sentido e de significação que aparecem e se organizam de diferentes formas e em níveis no sujeito e na personalidade, assim como nos diferentes espaços gerais que o sujeito atua” (González Rey, 2005, p. 15). Os Alcoólicos Anônimos baseiam seu método terapêutico nessa subjetividade e isso permite compreender o indivíduo em suas diversas dimensões.

## **CAPÍTULO I**

### **O SENTIMENTO RELIGIOSO**

#### **1.1 O sentimento religioso segundo William James**

Esse estudo será voltado para as questões mais particulares da vivência religiosa que não está necessariamente vinculada aos aspectos institucionais de uma religião. Este discurso assemelha-se bastante à compreensão de William James, cuja obra apresenta uma visão do que consiste o sentimento religioso. Para James (1987), a palavra religião é um substantivo muito complexo, sendo uma tolice dar uma definição abstrata da essência religiosa. O autor volta seu olhar para o ramo da religião que mantém o homem em vista, com seu interesse quase que exclusivamente voltado para a religião como uma experiência pessoal e direta com o sentimento do sagrado.

James (1987) procura confinar-se à pura e simples religião pessoal, mas isso não significa que o autor desconsiderasse a religião como cultura e organização social. No ramo mais pessoal da religião, são as disposições interiores do homem que formam o centro do interesse, sua consciência, seus desertos, seus desesperos, suas incompletudes. Os atos para os quais uma graça divina é recebida ou tirada são pessoais e não rituais, e isso põe as instituições em segundo plano para o autor. A religião pessoal descrita por James assemelha-se com a questão espiritual presente no discurso dos Alcoólicos Anônimos, uma vez que neste grupo, prioriza-se o sentimento do alcoólico com um Poder Superior, independente de uma instituição religiosa em si.

Ainda para James (1987, p. 53), religião significa “os sentimentos, atitudes e experiências do indivíduo em sua solidão, desde que eles se mantenham em relação com o

que ele considera divino”. Sob seu ponto de vista, a palavra divino deve ser reservada para aquilo que nos impele à solenidade e pensamentos profundos. Mas o autor alerta para o fato de poder haver uma controvérsia a respeito da palavra, uma vez que, o que chamam de divino, muitas vezes não tem Deus. Assim, o autor sugere entender por divino qualquer objeto que se assemelhe a um Deus, sendo ele uma divindade concreta ou não.

Na literatura dos Alcoólicos Anônimos menciona-se em vários momentos a palavra “Deus”. Porém, a Irmandade adverte para a questão do próprio conceito que o alcoólico tem deste: “Quando, portanto, falamos de Deus com você, queremos falar do seu próprio conceito de Deus” (A.A., 2001 p. 69). Dessa forma, apesar da utilização da palavra “Deus”, os Alcoólicos Anônimos não impõem ao alcoólico a crença em Deus, especificamente, mas em um Poder Superior. Esse Poder Superior pode ser considerado Deus ou até mesmo o próprio programa dos Doze Passos de Alcoólicos Anônimos, de acordo com a Irmandade (A.A., 2001). Assim, este poderia ser considerado divino na visão de William James (1987), por se assemelhar a um Deus, embora não seja uma divindade concreta.

Para James (1995, citado em Carvalho, 2005), a compreensão do sagrado só pode se dar por vias irracionais e sentimentais. Ele afirma que aquilo que muitas vezes se afigura como o poder exterior, já estava presente no interior das pessoas. Na visão positiva do autor, o ser humano possui em si uma centelha do Poder Superior, algo que está presente em nível subliminar, e é isso que o possibilita entrar em contato com o divino. É algo que está adormecido em todos os homens no mesmo grau, necessitando apenas de algo que o desperte. Esse “despertar” descrito por James é possível nos Alcoólicos Anônimos no momento em que o membro aceita a ajuda espiritual: “Diante da destruição alcoólica, logo abrimos nossas mentes em relação aos assuntos espirituais” (A.A., 1996, p. 70). A maioria dos membros dos Alcoólicos Anônimos acredita que a consciência de um Poder Superior é a essência da experiência espiritual. Os termos “Experiência Espiritual” e “Despertar Espiritual” são

usados, nos Alcoólicos Anônimos, para demonstrar, por meio de uma leitura cuidadosa, uma mudança de personalidade necessária para efetuar a recuperação do alcoolismo (A.A., 1994).

O despertar espiritual possibilita entrar em contato com o Poder Superior.

James (1995, citado em Carvalho, 2005) crê que o sustentáculo da religião é o sentimento e que a religião é essencialmente privada e individual. O autor compreende que o cientificismo extremamente racionalista fez com que o elemento sentimental fosse praticamente desconsiderado. Para o autor, o sentimento é a fonte mais profunda da religião e as fórmulas filosóficas e teológicas são produtos secundários, como as traduções de um texto para outra língua, por exemplo. Esse é o motivo pelo qual o autor voltou seu estudo para esse aspecto mais profundo da religião que é o sentimento do indivíduo.

James (1995, citado em Carvalho, 2005) pretende resgatar a importância do sentimento, pois crê ser através dele que se dá a experiência privada original, que é o substrato vivo da religiosidade. Os demais elementos que se edificam em torno do contato direto com o sagrado são mera racionalização. Ou seja, o autor procurou antes as experiências originais que fixaram padrões para toda a massa de sentimentos que são sugeridos e imitados pelas religiões instituídas.

Levando-se em conta apenas as vias racional e moral, não se compreende de fato, o sentimento religioso (James, 1987). A moral pura e simples aceita a lei do todo que se encontra reinando, a fim de reconhecê-la e obedecer-lhe, mesmo que com o mais pesado e frio dos corações, e ainda assim nunca deixará de senti-lo como um jugo. Para a religião, todavia, em suas manifestações vigorosas e plenamente desenvolvidas, o serviço do Superior nunca é sentido como um jugo. Nota-se, ao contrário, sentimentos de alegria por servir ao Superior e sentimento de pequenez diante dele.

William James (1987) buscou compreender a diferença entre moralismo e religião. O moralista tem que sustar a respiração e manter os músculos tensos; e as coisas ficam bem com

ele na medida em que o consiga fazer. O homem religioso, pelo contrário, encontra a sua consolação na sua própria falta de poder; a sua confiança não se encontra em si próprio, mas em Deus; "e a hora da sua morte moral transforma-se no seu nascimento espiritual" (James, 1987, p. 69). Essa é, para o autor, a diferença entre confiarmos em nós mesmos e confiarmos em Deus. Quando a confiança em nós mesmos desaparece, dá lugar à confiança em Deus.

A questão da moral é bastante presente na obra dos Alcoólicos Anônimos, pois é sugerido fazer um inventário moral de si mesmo. O Programa dos Doze Passos do A.A. baseia-se em sugestões morais. Mas podemos notar que, segundo James (1987), o sentimento religioso é muito mais amplo do que a moral, o que nos faz investigar as relações dos Alcoólicos Anônimos com esse aspecto mais amplo, o aspecto religioso.

A teoria da doença dos Alcoólicos Anônimos não representa o alcoolismo apenas como um problema físico e mental, mas também como uma doença que se articula à dimensão propriamente moral do indivíduo, constringendo sua vontade e impedindo-o de agir de modo responsável. Os Alcoólicos Anônimos também definem o alcoolismo como uma "doença espiritual" que se liga a essa dimensão propriamente moral da vida do alcoólico. (Campos, 2004).

O mundo visível é parte de um universo mais espiritual do qual William James (1995, citado em Carvalho, 2005) tira sua principal significação. A união ou a relação harmoniosa com esse universo mais elevado é a nossa verdadeira finalidade, segundo este autor. A oração ou a comunhão interior com o espírito desse universo mais elevado – seja ele “Deus” ou o “Poder Superior”- é um processo em que se faz realmente um trabalho e no qual a energia espiritual flui e produz efeitos psicológicos ou materiais dentro do mundo fenomenológico.

A religião é caracterizada por James (1987) como um novo sabor que se adiciona como dádiva à vida, que assume a forma de encantamento lírico ou apelo à veemência e ao

heroísmo. Além disso, tem como característica uma certeza de segurança e uma mistura de paz e, em relação aos outros, uma preponderância de afeições extremosas.

Dessa forma, o pensamento de William James (1987) torna-se muito importante neste estudo, e uma confirmação disso é o fato de que o co-fundador do grupo dos Alcoólicos Anônimos, William Bill. (A.A., 1994), citou que o livro “Variedades da Experiência Religiosa”, de William James, teve uma importância muito grande para ele, uma vez que fez discernir a sua própria concepção pessoal do próprio Deus individual. Ele passou a enxergar a diferença entre vida espiritual e vida religiosa e, assim, sentiu-se encorajado a perseguir as crenças espirituais de Alcoólicos Anônimos.

## **1.2 A busca de sentido para Viktor Frankl**

A terapia de Viktor Frankl (1993) tem uma proximidade com a religião. Ele entendia a religião como a busca por um significado, a manifestação do anseio por um sentido último. Para o autor, a pessoa religiosa assumiria o risco de perguntar o que vai para além da consciência e buscaria a transcendência. A sua Logoterapia – cura pelo sentido – apresenta a religião como um dos meios pelos quais a humanidade consegue encontrar sentido na vida.

Para o autor, a religião busca a salvação da alma enquanto que a Logoterapia busca a sua cura. Ele não nega que a Logoterapia aponte para o caminho da religião, ou que a religião possa aumentar os efeitos logoterapêuticos. Para que o sentido tenha um profundo efeito terapêutico na vida, ele não deve ser apenas acreditado – isto seria religião -, mas precisa também ser aceito intelectualmente, ou seja, deve-se refletir sobre tal. Assim, as duas áreas são estritamente separadas na visão do autor.

Com a orientação do programa, o encorajamento e os exemplos dentro da Irmandade, pude começar a conhecer a mim mesmo e estar preparado para aceitar aquilo que encontrasse. Aprendi que eu devia amar a mim mesmo tal como sou, por aquilo que eu poderia vir a ser. Aprendi assim um pouco a respeito da minha mente e da minha vontade, das minhas emoções e das minhas paixões. Aprendi que posso ser uma pessoa decente, embora imperfeito, aprendi que, quando vivo conscientemente no mundo real (a sanidade), cada dia bem vivido me ajuda a compensar meu passado (A.A., 1996, p.10).

A Logoterapia de Frankl, segundo Júnior & Mahfoud (2001), busca compreender a existência através dos fenômenos especificamente humanos. O homem se diferencia dos animais porque faz parte de seu ser a dimensão noética ou espiritual. A essência de sua existência está na dimensão espiritual que, no seu dinamismo próprio, pode chegar a despertar a vivência de uma religiosidade. Isso poderia explicar o fato de os Alcoólicos Anônimos compreenderem suas diversas religiões, uma vez que o programa é espiritual. Uma pessoa que vivencie um “despertar espiritual” tem maior chance de se ligar a uma determinada religião, pois suas crenças são validadas pela mesma. Um fato importante dos Alcoólicos Anônimos é a não imposição para o alcoólico seguir uma religião específica, deixando-o escolher o “Deus” em que acredita. Essa questão da liberdade é característica da espiritualidade.

A dimensão espiritual mostra-se, essencialmente, como a dimensão da vivência da liberdade e da responsabilidade. O ser humano tem liberdade para tomar posição diante de todas as circunstâncias, sejam elas cotidianas ou excepcionais. Essa liberdade refere-se à maneira criativa e própria de cada indivíduo, expressa no momento em que responde aos estímulos e determinações de diversas ordens. O ser humano também tem capacidade de responder e se posicionar diante das circunstâncias presentes, efetivando seu posicionamento

no mundo, manifestando a irrepetibilidade e caráter único constituinte de cada homem (Frankl, 1989).

Frankl (1997) conta sua experiência nos campos de concentração nazistas, nos quais foi prisioneiro. Ele pôde observar bem de perto as diversas maneiras de enfrentar e lidar com aquela circunstância inevitável e com o sofrimento dela decorrente a que todos estavam submetidos. Alguns prisioneiros decidiam resistir até o fim, pois tinham a esperança de que algo o esperava ao sair dali – uma pessoa a amar, uma obra a realizar, um Deus a servir. Nesta liberdade de resposta, estes se colocavam diante das situações sempre lhe conferindo um sentido, um motivo pela qual valesse a pena continuar vivendo. Nos alcoólicos Anônimos, o alcoólico percebe que tem um “Deus” a servir, um “Poder” superior a ele mesmo. Essa idéia é central para que o alcoólico comece a crescer espiritualmente e, através dela, consiga controlar a doença do alcoolismo. Quando o alcoólico aceita esse Poder Superior, conforme mencionado por William James (1995, citado em Carvalho, 2005), surge um sentimento de alegria por servir a esse Poder, o indivíduo sente-se consolado na própria falta de poder e acredita que a confiança não está nele, e sim em Deus.

O autor conta que a fome, a humilhação, o medo e a profunda raiva das injustiças foram dominadas graças às imagens sempre presente de pessoas amadas, ao sentimento religioso, a um amargo senso de humor e até mesmo às visões curativas de belezas naturais – uma árvore ou um pôr-do-sol. Essas visões curativas poderiam ser consideradas fruto do sentimento religioso, segundo James (1995, citado em Carvalho, 2005), já que este cita o encantamento lírico como característica da vida religiosa. Encontra-se abaixo, dois relatos de um membro dos Alcoólicos Anônimos que sugerem esse sentimento de encantamento lírico após o despertar espiritual:

Nunca conseguirei cultivar tomates do tamanho daqueles do meu vizinho, mas o gosto dos meus pequeninos tomates é melhor na minha mesa do que seria o gosto das maravilhas que ele consegue (A.A., 1996, p. 134).

Existe apenas uma coisa tão bela quanto o rosto de um garotinho de quatro anos na hora de contar histórias antes de dormir: é o rosto de sua irmãzinha (A.A., 1996, p. 135).

Para Frankl (1990), a dimensão espiritual é inconsciente. Uma das suas características mais marcantes é a auto-transcendência, ou seja, o homem é constituído para uma intencionalidade que o dirige para algo ou para alguém fora de si mesmo. Para o autor, hoje os paciente buscam os psiquiatras com uma sensação de falta de sentido, com um sentimento de vazio, o qual ele chama de “vácuo existencial”. A sensação de falta de sentido é, portanto, patogênica, isto é, leva a doenças, a neuroses específicas. Mas é apenas potencialmente patogênica e isto significa que ela pode levar a estas neuroses, mas não necessariamente. Segundo este autor, o grau da sensação de falta de sentido correlaciona-se significativamente com o índice de envolvimento com drogas. Aparentemente há uma única saída para essa falta de sentido que é o mergulho na pura subjetividade de meras sensações de felicidade que os tóxicos transmitem. Nestes casos de sensação de falta de sentido, chegou-se a uma fuga na procura, na opinião do autor. Para o alcoolismo também aconteceria dessa forma. Alguns autores constataram uma significativa superioridade da Logoterapia quando comparada ao sucesso de outros métodos de tratamento para os casos de alcoolismo.

Na literatura logoterapêutica encontram-se publicações de vários autores comprovando que o homem pode encontrar sentido independentemente de ser ou não religioso, e da religião a que ele pertença. Frankl (1989) citou que são muito baixas as correlações entre os resultados dos testes de sentido da vida e a frequência à igreja. Essa questão pode estar relacionada ao

conceito de espiritualidade que foi utilizada no início deste trabalho. O sentido da vida pode não estar relacionado com a frequência a uma igreja em si, mas com questões mais espirituais, que são valorizadas pela crença do indivíduo, seja ela qual for. Porém, pode ser mais fácil para o homem religioso encontrar um sentido na vida. O autor alerta que não se deve, entretanto, obrigar ou forçar para que alguém tenha uma crença, pois não se pode “querer” acreditar. Os Alcoólicos seguem essa mesma linha de pensamento e, para isso, utilizam o Poder Superior que o alcoólico conceber. Assim, não obriga ao alcoólico a crença em Deus, por exemplo. Porém sua literatura aponta que a maioria deles começa a acreditar Nele.

De acordo com Viktor Frankl (1997), o sofrimento dá ao homem a chance de crescer, principalmente de transformar a si mesmo. O preenchimento de um sentido é possível apesar desse sofrimento.

No fundo todo homem pode decidir, e ainda também sob tais circunstâncias, o que – visto espiritualmente – dele será feito no campo... A liberdade espiritual do homem, que dele não se pode tirar nem no último suspiro, lhe dá a oportunidade até o último suspiro de tornar sua vida cheia de sentido... Pois... se a vida tem um sentido, então também o sofrimento tem um sentido (Frankl, 1990, p. 54).

A Logoterapia não concebe da mesma forma o fenômeno da fé como crença em Deus, mas concebe-o de uma forma mais ampla de crença no sentido último. Este seria a conscientização espiritual através de uma análise existencial, da consciência de seu ser, responsável pelo que é. A própria natureza do homem o leva a se ultrapassar, a não se contentar consigo mesmo, a se transcender, o que constitui propriamente a essência de sua existência.

Você deve estar perguntando a si mesmo, como todos devemos nos perguntar: “Quem sou eu?”... “Onde me encontro?”... “Para onde vou?”. O processo de esclarecimento é quase sempre lento. No entanto, no final, nossa busca sempre leva a uma descoberta. Esses grandes mistérios estão, afinal de contas, ocultos em completa simplicidade (A.A., 1996, p. 69).

A experiência do ser o coloca na base da existência, constitui seguro apoio para os passos da existência no mundo. “Eu sou, e o fato de eu ser por si mesmo já é bom” (Frankl, 1990, p. 53). Essas vivências sempre são experimentadas como belas, na opinião do autor. Pela experiência do ser, o homem se torna consciente de valor que ele próprio é. Ser homem significa possuir valor enquanto se vive, independentemente de suas capacidades, posição social, utilidade, qualidade, saúde ou percalços. O ser é o primeiro valor, o valor fundamental. Por força do ser, o ser humano é capaz de agir e através dele pode receber mensagens de retorno. Esse “ser um eu” percebe a si mesmo, apreende-se como ser pensante. Esse “eu” conhece independentemente de interferências estranhas, que é ele mesmo que possui capacidade para direcionar a concentração do seu pensamento sobre algo, que pode ocupar-se de algo, assim como pode agir de modo completamente diverso (Frankl, 1990).

### **1.3. A religião sob o ponto de vista de Jung**

Jung (1995) distingue confissão ou profissão de fé da religiosidade como experiência primordial e individual. Assim como William James (1987), o autor entende por religião não somente as religiões instituídas, mas formas mais pessoais de religiosidade. Nas religiões instituídas, a experiência não é direta, mas sim mediada pelo sistema simbólico dessa

determinada religião. Este sistema simbólico fornece significados coletivos e relativamente fixos para a vivência de um estado chamado de numinoso. Os Alcoólicos Anônimos funcionam como um sistema simbólico, com seus significados que permitem uma experiência que pode se considerar equivalente ao numinoso.

Segundo o vocábulo latino *religere*, a religião é uma acurada e conscienciosa observação daquilo que Rudolf Otto (1992, citado em Jung, 1993) chamou de numinoso, isto é, uma existência ou um efeito dinâmico não causados por um ato arbitrário. O que caracteriza a religiosidade é essa atitude particular de uma consciência transformada pelo numinoso.

Rudolf Otto (1992, citado em Xavier, 2006), procurando fazer uma análise fenomenológica da experiência religiosa, acredita que o conceito de numinoso relaciona-se com o conceito de sagrado ou santo. Desta forma, o numinoso é um estado de alma que se manifesta cada vez que um objeto é concebido como tal. O numinoso seria uma potência que influenciaria a consciência e, portanto, a experiência. O *numen* tem como característica o totalmente outro, o qualitativamente diferente. Além disso, apresenta dois conteúdos, um elemento repulsivo, que causa medo ou terror, e outro que atrai e fascina.

Nos Alcoólicos Anônimos, de acordo com os relatos dos membros da Irmandade citados ao longo deste estudo, percebe-se que esses vivenciam uma experiência numinosa, uma vez que o Poder Superior tem um caráter divino para o alcoólico. O numinoso não é racional, portanto não se pode indicar o que é, exceto observando-se a reação do sentimento particular que o seu contato provoca no indivíduo. O numinoso tem como característica uma extrema superioridade, perante a qual o ser humano experimenta o terror místico. Esse terror sentido vem do sentimento do ser humano de nada ser perante o Superior. Dessa forma, pode ocorrer o aniquilamento do eu, para unir-se a um poder transcendente. Um outro elemento importante do numinoso é sua energia, que provoca o movimento, a vida, a paixão. Essas características

possuem um aspecto transcendente, pois fazem parte do sentimento de “totalmente outro” e encontram-se num plano exterior a nós mesmos (Jung, 1993).

Diante disso, observa-se que Jung (1993) deu relevância ao estudo de religiosidade que dá ao indivíduo a importância fundamental. O autor encara a religião como uma atitude do espírito humano que, de acordo com o termo *relligio*, poderia ser considerada como uma relevância e observação cuidadosas de fatores dinâmicos concebidos como potências que influenciam a consciência e, portanto, a experiência. Estes fatores seriam espíritos, demônios, deuses, leis, idéias ou qualquer outra denominação dada pelo homem a tais fatores. Dentro do mundo próprio de cada indivíduo e de acordo com sua experiência, esses se mostrariam poderosos, perigosos ou úteis para merecer consideração ou seriam grandes, belos e racionais para serem piedosamente adorados e amados.

Nessa forma de *relligio*, ao contrário das religiões instituídas, Jung (1993) descreve a experiência primordial individual de uma relação direta com o sagrado, um sentimento e consideração do numinoso, que não exige uma crença anterior, pois provêm da base arquetípica da psique; é o sentimento avassalador da totalidade humana.

Partindo dessa hipótese, o autor propõe que a alma humana deve ter uma possibilidade de relação com a divindade, ou seja, ela deve ter algo em si que corresponda ao ser de Deus. Independentemente da existência ou não do ser divino, sua imagem existe não somente exterior, mas interiormente. Assim, existe a imagem exterior da divindade e a interior, ou arquetípica. Para Otto (1992, citado em Jung, 1993), a natureza humana é dotada de um instinto religioso, uma disposição natural para buscar o sagrado.

A noção de arquétipo é importante, uma vez que possibilita uma interpretação psicológica do fenômeno religioso para Jung. Arquétipos, segundo Jung (1963), são imagens primordiais herdadas e sem conteúdos determinados. É uma forma vazia de apreensão, que será preenchida pelo material proveniente da experiência consciente do indivíduo (Xavier,

2006). Para Jung (1991), os arquétipos são responsáveis pelas produções das imagens religiosas, tanto individuais quanto coletivas.

O autor observou metáforas contidas nas religiões da ligação do Ego com o *Self*. Este último seria, para Jung (1991), o arquétipo central, por ser aquele responsável por toda a organização dos demais arquétipos que estruturam a personalidade. Quando escutamos a mensagem de Cristo de coração aberto, nos religamos ao *Self* e nos distanciamos do ponto de vista do Ego. Para ele, o *Self* é o centro último, mais íntimo, é a quantidade desconhecida das profundezas da psique. Em contrapartida, o Ego seria a porção menor do *Self* e é sujeito de todos os atos conscientes da pessoa. O termo Ego refere-se à experiência que a pessoa tem de si mesma como um centro de vontade, de desejo, de reflexão e ação. (Jung, 1991, citado por Stein 1998).

Jung (1964, citado em Edínger, 1972) viu na religião, portanto, o diálogo do *Self* com o Ego de uma forma mais protegida. O inconsciente tem o seu aspecto terrível e ameaçador e a religião é uma forma de lidar com essa força transpessoal inconsciente de modo mais seguro. A esse processo de “religião” ou de comunicação do Ego com o *Self*, podemos chamar de Processo de Individuação, ou seja, o impulso para uma pessoa tornar-se singular.

Para Jung (1993), o divino habita o ser humano constituindo um arquétipo essencial denominado *Self* que é o símbolo dessa divindade. Este Outro dentro do sujeito que não é o Ego, mas que o sustenta do berço ao túmulo em todo o processo de individuação é então percebido como o Grande, o Cristo, o Buda ou Deus na interioridade do ser humano. Nos Alcoólicos Anônimos o conceito assim é representado pelo Poder Superior, cuja aceitação caracteriza o “despertar espiritual”.

Jung acreditava que seus pacientes adoeciam por falta de ligação com os mitos e com o universo sagrado, ou seja, que por falta de contato com o inconsciente eram “pessoas que haviam perdido a fé” (Jung 2002, p. 128). Essas pessoas readquirem o equilíbrio psíquico

quando esta relação é restabelecida. É como o renascimento para uma nova realidade mais satisfatória. Assim, pode-se lembrar do pensamento de William James (1987), para o qual o indivíduo pode vivenciar um renascimento espiritual. O autor utiliza o termo “nascidos duas vezes” para designar uma pessoa que morre em seu estilo de vida para um segundo nascimento.

As práticas religiosas propiciam ao homem a religação do *Self* com o Ego rumo à consciência de totalidade. Esta tem como finalidade reconhecer que a existência do homem provém de uma unidade superior à qual se deve dedicar a devida e cuidadosa consideração (Jung, 1964, citado por Edínger, 1972). Cabe ao homem buscar em sua interioridade os caminhos que o levam a estados mais elevados de consciência. Deve ainda o homem, executar as ordens emanadas dessa unidade de forma inteligente e responsável.

Na opinião de Jung (1995), a experiência religiosa pode ser um dos caminhos para a ocorrência da modificação interior do indivíduo. Por meio da aceitação do mundo sagrado, as pessoas estariam voltando a si mesmas, aceitando-se e reconciliando-se com seus impulsos. Os Alcoólicos Anônimos atingem seus objetivos de resgatar pessoas alcoólicas utilizando um Poder Superior e, considerado como sagrado, para proporcionar essa mudança interior no alcoólico.

## CAPÍTULO II

### GRUPO DE MÚTUA-AJUDA: OS ALCOÓLICOS ANÔNIMOS

#### 2.1. Os Alcoólicos Anônimos

Há uma diferença entre as denominações de grupos de “auto-ajuda” e “mútua-ajuda”, sendo a última mais adequada, segundo Sanchez Vidal (1991, citado em Roehe, 2004). De acordo com o processo básico de funcionamento desses grupos o autor propõe uma integração das duas expressões: são grupos de auto-ajuda na medida em que mantêm total autonomia em relação a instituições e profissionais (ou seja, o grupo ajuda a si mesmo); e são grupos de mútua-ajuda porque baseiam sua atuação na mutualidade (os participantes ajudam uns aos outros).

Os Alcoólicos Anônimos constituem-se de um grupo de mútua-ajuda, denominação que será utilizada neste trabalho. Segundo a Secretaria Nacional Antidrogas (2007), os grupos de mútua-ajuda têm características de grupo leigo e voluntário, sem qualquer ônus para a comunidade e a sociedade em geral. Esses grupos são agentes operacionais na recuperação e reinserção social de dependentes químicos, atuando ainda na reestruturação familiar e na prevenção à dependência.

Para Zimerman (1993), os grupos de mútua-ajuda, como o nome designa, são compostos por pessoas portadoras de uma mesma categoria de necessidade, tendo como finalidade destruir mitos, quebrar resistência quanto à prevenção e o tratamento e afastar o medo da doença.

Alcoólicos Anônimos são uma Irmandade de homens e mulheres que têm por objetivo alcançar a sobriedade por meio de compartilhamento de suas experiências, forças e

esperanças. Há aproximadamente 60 anos o grupo se mantém com a finalidade de recuperar alcoólicos. Alcoólicos Anônimos não são uma organização no sentido convencional da palavra. Não há taxas ou quotas. Não se liga a qualquer crença, seita ou organização religiosa em particular nem se opõe a qualquer uma delas (A.A., 1994). O que os Alcoólicos Anônimos desejam é ser úteis àqueles que sofrem e têm sincero desejo de parar de beber. Através dos Doze Passos que resumem o programa da Irmandade, demonstra-se aos alcoólicos como os fundadores conseguiram se recuperar da “aparente e irremediável condição mental e física” (A.A., 2001, p.56).

Segundo Zimmerman (1993), os grupos de mútua-ajuda surgiram a partir do grupo de Alcoólicos Anônimos, da filosofia da Irmandade, referindo-se à troca de informações entre os membros do grupo de maneira informal, onde fazem uma troca de experiência e se confrontam. As pessoas que fazem parte desses grupos de mútua-ajuda acabam sentindo-se mais flexíveis ao contarem suas experiências, já que todos estão com o mesmo problema. Isso faz com que pessoas consigam se recuperar mais rápido, acabando por formar laços fraternais e buscando apoio uma nas outras. Os coordenadores e participantes procuram fazer com que os novatos sintam-se à vontade para falarem de seus medos. Os grupos podem ser coordenados por qualquer profissional ou por membros antigos dos mesmos. Os frequentadores buscam crescimento pessoal por meio da aceitação e o passam para os demais na esperança da cura, embora esses grupos não tenham um caráter adaptativo nem resolutivo.

## **2.2. História dos Alcoólicos Anônimos**

O grupo dos Alcoólicos Anônimos iniciou-se em 1935, com o encontro de Bill W. e Dr. Bob que haviam sido alcoólicos desenganados. Antes de se conhecerem, ambos tinham

tido contato com o grupo Oxford, uma sociedade composta, em sua maior parte, por pessoas não alcoólicas, que defendia a aplicação de valores espirituais universais na vida diária. Sob influência espiritual do grupo Oxford, e com a ajuda de seu velho amigo Ebby, Bill W. havia conseguido sua sobriedade e vinha mantendo sua recuperação trabalhando com outros alcoólicos, apesar do fato de que nenhum de seus “candidatos” haver se recuperado. O fato de ser membro do grupo Oxford não havia oferecido ao Dr. Bob a suficiente ajuda para encontrar a sobriedade (A.A., 1994).

Quando Dr. Bob e Bill se conheceram, o encontro produziu no Dr. Bob um efeito imediato. Desta vez encontrava-se cara a cara com um companheiro alcoólico que havia conseguido deixar de beber. Bill insistia que o alcoolismo era uma doença da mente, das emoções e do corpo. Apesar de médico, Dr. Bob não tivera conhecimento de que o alcoolismo era uma doença. Este acabou convencido pelas idéias contundentes de Bill e logo alcançou sua sobriedade e nunca mais voltou a beber (A.A., 1994).

Os dois começaram a trabalhar imediatamente com os alcoólicos internados no Hospital Municipal de Akron. Logo um de seus pacientes alcançou a sobriedade. Os três então formaram o núcleo do primeiro Grupo de Alcoólicos Anônimos, apesar de não ter sido designado inicialmente com esse nome. No mesmo ano o segundo Grupo foi tomando forma gradualmente em Nova York. Em 1939 o terceiro Grupo se iniciou em Cleveland. Depois de quatro anos conseguiram um número de cem alcoólicos sóbrios, nesses três grupos iniciais (A.A., 1994).

Os alcoólicos que chegavam, após algumas semanas de sobriedade, eram encarregados de trabalhar com os novos casos. Com isso, deu-se ao movimento uma nova orientação e os resultados foram fantásticos. Passados poucos meses, o número de membros havia crescido muito e pela primeira vez havia evidência de que a sobriedade poderia multiplicar-se em massa (A.A., 1994).

Dr. Bob e Bill estabeleceram uma Junta com o nome de Fundação Alcoólica, para ocupar-se da administração geral da Irmandade recém-criada. Todas as tentativas de se conseguir grandes quantias de dinheiro fracassaram, pois seus fundadores chegaram à conclusão prudente de que grandes somas poderiam atrapalhar a nascente Irmandade. Apesar disso, abriu-se um pequeno escritório com a finalidade de responder os pedidos de ajuda e de informações e para distribuir o livro que havia sido financiado principalmente pelos membros de Alcoólicos Anônimos. Logo o livro e o escritório se revelaram de grande utilidade. O número de pedidos de ajuda aumentou e cada um era respondido com uma carta pessoal e um pequeno folheto, onde se mencionava o livro. Começou-se a distribuir numerosos exemplares de livros e os Alcoólicos Anônimos já tinha dois mil membros (A.A., 1994).

Levantamentos de grupos nos Estados Unidos e Canadá indicam que os Alcoólicos Anônimos vêm atingindo não apenas um número cada vez maior de pessoas, mas um raio de ação cada vez mais amplo. Em 1993 existiam mais de 89.000 grupos, com Alcoólicos Anônimos em atividade em 141 países. Atualmente, o número de membros de Alcoólicos Anônimos cresce na proporção de 20% ao ano (A.A., 1994).

Um fato importante de se destacar é a influência que o psicólogo Jung, cujas idéias já foram mencionadas no capítulo anterior, teve na fundação dos Alcoólicos Anônimos. A carta que Bill W., fundador do grupo, enviou a Jung, trata de um paciente do psicólogo, Mr. Rowland, que permaneceu em tratamento por aproximadamente um ano. Após esse tempo, Jung deixou-o cheio de confiança e com a mais irrestrita admiração por ele. Contudo, para a enorme consternação, retornou ao velho hábito do alcoolismo. A carta de Bill W. a Jung está transcrita abaixo:

Quando ele lhe perguntou se então não haveria para ele alguma esperança, o Senhor lhe respondeu que poderia haver sim e que esta seria a de tornar-se o

sujeito de uma genuína experiência espiritual ou religiosa - em resumo, de uma autêntica conversão. Tal experiência poderia motivá-lo mais que outra qualquer, disse-lhe o Senhor. Mas preveniu-o de que, conquanto tais experiências tivessem acontecido a alguns alcoólicos, elas eram comparativamente raras. E recomendou-lhe que se colocasse em uma atmosfera religiosa e que esperasse. Esta foi a substância do seu conselho. Prontamente, Mr. Rowland juntou-se ao Oxford Group, um movimento evangélico de grande sucesso na Europa, movimento este que lhe deve ter sido familiar. Certamente, o Senhor se lembrará da grande ênfase que davam aos princípios de autovigilância, da confissão, da reparação e da doação pessoal ao serviço dos outros. Eles também praticavam a meditação e a prece intensivamente. E foi nesta prática que Mr. Rowland encontrou a experiência de conversão, que o libertou, finalmente, da compulsão de beber (AA, 2007).

Jung respondeu à carta de Bill W., conforme transcrito abaixo:

A sua fixação pelo álcool era o equivalente, em nível mais baixo, da sede espiritual do nosso ser pela totalidade, expressa em linguagem medieval, pela união com Deus. O único caminho correto e legítimo para tal experiência é que ela aconteça para você na realidade e ela só pode acontecer se você procurar um caminho que o leve a uma compreensão mais alta. E você poderá ser conduzido a esta meta pela ação da graça, pela convivência pessoal honesta com os amigos ou através de uma educação mais alta da mente, para além dos limites do mero racionalismo. Vi pela sua carta que Rowland H. escolheu a segunda opção que, nas suas circunstâncias era, sem dúvida, a melhor. Estou firmemente convencido

de que o princípio do mal prevalecente no mundo conduz as necessidades espirituais, quando negadas à perdição, se ele não for contrabalançado por uma experiência religiosa ou pelas barreiras protetoras da comunidade humana. Um homem comum desligado dos planos superiores, isolado de sua comunidade, não pode resistir aos poderes do mal, muito propriamente chamados de demônio. Mas o uso de tais palavras nos leva a tais enganos que temos que nos manter afastados delas, tanto quanto possível. Veja você, *alchool* em latim significa “espírito”, e você, no entanto, usa a mesma palavra tanto para designar a mais alta experiência religiosa como para designar o mais depravador dos venenos. A receita então é *spiritus contra spiritum* (AA, 2007).

### **2.3. Aspectos gerais do Alcoolismo**

O consumo excessivo de bebidas e o alcoolismo são motivos de grande preocupação diante dos terríveis problemas que podem causar às pessoas e à sociedade em geral. Historicamente, alguns hábitos presentes em nossa sociedade têm sido considerados verdadeiros símbolos de comportamento, destacando-se entre estes a utilização de bebidas alcoólicas. Os derivados alcoólicos, em suas mais diversas formas de apresentação, representam o mais comum e aceito modo de utilização de substâncias associadas com situações de prazer, relaxamento e diversão. O álcool faz parte da vida social. As pessoas ingerem bebidas alcoólicas para comemorar e brindar além de que o álcool dá uma sensação de alegria e relaxa. Mas, para alguns em número expressivo, ele pode se tornar uma prisão, um vício, uma arma letal. Socialmente aceito, legalmente vendido, o combate aos excessos do álcool, ou ao seu uso patológico é difícil, pois não há legislação que consiga controlar a busca

do prazer, ainda mais quando há motivações emocionais, biológicas, familiares e sociais em jogo (Ruas, 2004).

A Bíblia Sagrada cita o primeiro milagre público de Jesus, o de transformar água em vinho nas bodas de Canaã, demonstrando que o álcool está presente na nossa sociedade desde os tempos remotos:

Do mesmo modo, ao fim da ceia, Ele tomou o cálice em suas mãos, deu graças novamente, e o deu a seus discípulos, dizendo: “Tomai todos, e bebei: este é o cálice do meu sangue, o sangue da nova e eterna aliança, que será derramado por vós e por todos para remissão dos pecados. Fazei isto em memória de mim”. (Mt. 26:26).

O alcoolista é um indivíduo com padrão de ingestão de álcool associado a problemas e prejuízos em várias áreas da vida e que, ainda, apresenta algum grau de dependência física e/ou psíquica deste (Oliveira & Menandro, 2001). Em decorrência do uso abusivo da substância por longos anos, a vida do alcoolista fica afetada, com repercussões em todas as áreas: saúde deteriorada, com sérias complicações clínicas; prejuízos na interação social com os amigos e os vizinhos; rupturas na vida familiar e conjugal; perda do trabalho e dificuldades econômicas. A associação desses fatores ameaça sua identidade.

O alcoolismo tem sido uma das maiores preocupações de saúde pública no mundo, sendo numerosas as tentativas de compreender suas causas. Segundo Edwards (1999), um indivíduo pode tornar-se alcoolista devido a um conjunto de fatores, incluindo predisposição genética, estrutura psíquica, influências familiares e culturais. Segundo ele, sabe-se que homens e mulheres têm quatro vezes mais probabilidade de ter problemas com álcool se seus pais foram alcoolistas.

As causas do alcoolismo são, portanto, múltiplas e podem coexistir na mesma situação. Pode ser de foro genético, social, cultural, psicológico ou de personalidade. Segundo Lino (2006), alguns estudos sugerem que a morbidade alcoólica é de três a quatro vezes maior nos descendentes de alcoólicos crônicos do que nos não alcoólicos ou alcoólicos excessivos. No foro psicológico, quadros como a depressão ou a ansiedade também constituem causa de consumo. Na depressão, o consumo de álcool surge muitas vezes associado a um efeito sedativo e tranqüilizante do sofrimento psíquico causado por sentimentos como a tristeza ou a angústia. Na ansiedade, o consumo surge como um ansiolítico, diminuindo assim, mesmo que enganosamente, o mal estar do indivíduo. O consumo de álcool em idades muito precoces pode ser motivado por razões socioculturais. Traços de personalidade de alguns indivíduos também podem influenciar o consumo excessivo de bebidas alcoólicas. Na perturbação de personalidade anti-social e na fobia social, o indivíduo tende a utilizar o álcool como desinibidor, a fim de melhorar seus relacionamentos sociais, já por si deficientes.

O indivíduo que abusa do álcool, rapidamente perde sua reputação junto aos amigos e familiares, o que o deixa mais intolerante à frustração e aumenta o consumo. Na vida familiar, o uso abusivo de álcool está freqüentemente associado a um funcionamento deficiente, à violência doméstica e ao abuso físico e sexual em crianças. Discussões entre cônjuges, problemas financeiros e mau relacionamento com os pais são fatores de risco que ocorrem no seio familiar e contribuem para um consumo excessivo de bebidas alcoólicas. Por outro lado uma família na qual um dos elementos seja dependente de álcool também é uma família em decadência, pois, por exemplo, a mulher pode ser alvo de violência doméstica por parte do marido e os filhos são muitas vezes expostos a níveis de conflitos elevados, o que os leva a serem crianças com graves perturbações relacionais e intelectuais. Já em nível profissional, o alcoólico é um absentista nato, ou seja, falta regularmente ao trabalho, freqüentemente é demitido e é desencadeador de diversas problemáticas. Isso ocorre no relacionamento com os

colegas ou superiores hierárquicos, pois facilmente provoca um desacato, discussão ou acidente (Lino, 2006).

Em outros níveis, o alcoólico também tem adjacentes outras complicações sociais como compromissos obrigatórios. Por exemplo, o alcoólico deixa depressa chegar o estado de conservação de sua casa a um ponto extremo de descuido, as brigas com os vizinhos são constantes, assim como a falta de pagamento das despesas da casa. Frequentemente o alcoólico muda de habitação, pois a situação atinge um ponto tão saturante, que ele sente-se obrigado a mudar de casa ou cidade. As dificuldades financeiras também são uma constante na vida social de um indivíduo dependente do álcool, pois, se por um lado beber excessivamente é dispendioso, por outro, devido à sua situação profissional ele se desespera por não ter poder econômico para alimentar essa necessidade, o que o leva muitas vezes a cometer crimes como roubos. (Lino, 2006).

A dependência alcoólica mostra-se assim, um assunto bastante complexo, tanto em decorrência de sua etiologia, quanto das inúmeras conseqüências que gera para o alcoolista. Além disso, sabe-se que é grande o número de recaídas após curto período de desintoxicação, dificultando a obtenção de método terapêutico eficaz.

Diante do exposto, os Alcoólicos Anônimos merecem um destaque dentre todos os recursos de tratamento existentes, pois trabalham há cerca de 60 anos com a finalidade de recuperar alcoolistas. Segundo Pena-Alfaro (1993, citado em Oliveira & Medanho, 2001), o tratamento dos Alcoólicos Anônimos é considerado satisfatório, na medida em que alguns alcoólicos, com histórias de diversas tentativas infrutíferas de abandonar a bebida, o fazem após aderir às suas atividades. Essas pessoas parecem encontrar nos Alcoólicos Anônimos algum tipo de ajuda que não foi conseguida em outras instituições que lidam com a questão da dependência.

A teoria do alcoolismo dos Alcoólicos Anônimos envolve, portanto, representações que engajam os indivíduos em toda sua complexidade físico-moral, apontando para as conexões e fluxos que perpassam a dimensão física (corpórea), mental e espiritual, envolvendo o indivíduo em sua totalidade. Neste sentido, o alcoolismo se manifesta tanto através da deterioração física do alcoólico, como através da deterioração das relações sociais, notadamente na família e no trabalho, comprometendo sua construção como homem responsável (Campos, 2005).

#### **2.4 A espiritualidade para os Alcoólicos Anônimos**

A descrição dos Alcoólicos Anônimos como um “programa espiritual” confunde muitos recém-chegados, pois muitos deles tendem a traduzir “espiritual” para “religioso”. No entanto, o co-fundador do programa explica que os Alcoólicos Anônimos não estão ligados pela doutrina teológica e que o programa é constituído por diversas opiniões, de diversas religiões.

Sendo os Alcoólicos Anônimos um modo de vida espiritual, percebe-se que um membro do grupo precisa de algo mais do que capacidades físicas. O alcoólico “precisa utilizar todas as suas faculdades como ser humano para ouvir a mensagem, refletir sobre ela, revisar os efeitos do passado, perceber, admitir e aceitar. Esses processos são atividades da mente que fazem parte do espírito” (A.A., 1996).

Na literatura dos Alcoólicos Anônimos, menciona-se que o programa permite a consciência da liberdade de escolha do membro, que é a faculdade humana da força de vontade. À medida que o tempo passa na sobriedade, é oferecida ao alcoólico a oportunidade de aprender mais a respeito da humanidade e de si mesmo. A vivência da experiência direta e

interior com as imagens arquetípicas, fariam caminhar para o auto-conhecimento e individuação que Jung propõe. A experiência religiosa vai se configurar como sentido e significado atuando dentro das estruturas existenciais.

Este estudo contém algumas citações de trechos bíblicos, uma vez que descrevem muitas das idéias utilizadas nos Alcoólicos Anônimos. O que é descrito na Bíblia, segundo Jung (1964, citado em Edínger, 1972), está relacionado ao nosso mundo interno, a partir do qual se cria a realidade exterior, seja ela qual for. Tudo tem sua raiz na alma humana. O mundo externo é reflexo dos estados do nosso mundo interno. As afirmações da Sagrada Escritura são manifestações da alma. Elas se referem a realidades que ultrapassam a consciência. Assim, o Antigo Testamento seria, para o autor, um grande tesouro do simbolismo da Individuação, ou seja, da ligação do homem ao seu Deus.

Jung (1964, citado por Edínger, 1972) acreditava ser necessário ler a Bíblia para entender Psicologia, pois esta assim com a vida, a linguagem e as imagens foram construídas sobre a Bíblia. Esta última é o testemunho das lutas que a alma individual e coletiva realiza para tornar-se consciente de si mesma. Todos os produtos da mente e da imaginação humana resumem a um só fenômeno: a busca do Si-mesmo (*Self*).

O alcoólico percebe a espiritualidade contida na afirmação que faz assim que ingressa nos Alcoólicos Anônimos: “Eu sou (nome) e eu sou um alcoólico”. É expressa a primeira verdade que se aprende a respeito de si mesmo. A citação do nome revela tratar-se de um ser humano e que o fato de pensar sobre isso e comunicar-se com os outros, reforça a humanidade e o torna consciente e excitado pelo fato de ser. Há uma busca pelas questões mais essenciais como o porquê da existência, um sentido ou causa à qual entregar a vida. Segundo Frankl (1990), uma das características mais constantes da existência é a capacidade que o homem possui de optar e decidir, ante as possibilidades que lhe aparecem até o fim de seus dias. Possibilidades estas que apelam para a sua liberdade de ação, pela qual se faz responsável. O

alcoólico começa a conhecer um pouco mais sobre si mesmo e a estar preparado para aceitar aquilo que encontrar. Aprende que os outros podiam amá-lo e aceitá-lo do jeito que é e que devia amar a si mesmo por aquilo que pode vir a ser.

Os pontos cruciais do programa e da vida, no entendimento do A.A., são a aceitação e a ação. “Com o dom da serenidade, estou pronto e disposto a aceitar aquilo que Deus permite que me aconteça; com o dom da coragem, estou pronto para entrar em ação para mudar as coisas que posso modificar, para meu próprio bem e o bem das demais pessoas (A.A., 1996).

Assim, a idéia de viver de “dentro para fora” é melhor assimilada. O grupo prioriza as mudanças interiores, considerando a mudança do mundo interno do indivíduo como indispensável para conquistar a sobriedade. Os membros consideram as reuniões, as experiências, a percepção das modificações em si mesmos, a maneira de pensar, as escolhas e os hábitos, como espiritual. A espiritualidade presente no modo de vida dos Alcoólicos Anônimos torna os membros cômicos de seus recursos internos individuais.

Para os Alcoólicos Anônimos, a espiritualidade não pode ser transmitida verbalmente a um companheiro. Se qualquer pessoa quiser alcançá-la, terá que conquistá-la, à sua própria maneira, por suas próprias mãos, patenteada por si mesmo, no seu próprio direito individual (A.A., 1996). Isso nos remete ao pensamento de Frankl (1993), pois não é possível ensinar a outra pessoa a acreditar em algo, assim como não é possível uma pessoa “querer” acreditar.

Através de todos os relatos de suas experiências espirituais, pode-se notar que afirmam ser isso uma realidade. A melhor evidência dessa realidade, segundo os Alcoólicos Anônimos, está nos frutos subseqüentes. “Aqueles que recebem esse dom da graça são pessoas grandemente transformadas, quase que invariavelmente para melhor” (A.A., 1996).

## 2.5 A questão do grupo nos Alcoólicos Anônimos

“Nascemos em grupo, crescemos em grupo, adoecemos em grupo e nos curamos em grupo” (Ribeiro, 1994, p. 149). Segundo o autor, a pessoa humana é necessariamente um ser de relação, pois é através dela, no contexto e no encontro que ela se transforma e se humaniza. O grupo é um fenômeno cuja essência reside no seu poder de transformação, no seu poder de escutar, de sentir, de se posicionar, de se arriscar e compreender o processo de significação do viver e do responsabilizar-se.

No grupo terapêutico, as pessoas podem experienciar o verdadeiro sentido da existência à procura de sua essência. Assim, é o local onde se vêem e se sentem a dor e todos os sentimentos humanos à procura de sua inteligibilidade, de sua lógica interna. No grupo, cada um de seus membros tem a oportunidade rara de ver o mundo e a si mesmo com os olhos dos outros, de se amar com o coração do outro, de se descobrir imensamente limitado e potencialmente divino, sagrado, mulher e homem, de carne e osso (Ribeiro, 1994). Nos Alcoólicos Anônimos, o alcoólico admite sua impotência e entrega sua vida a um Poder Superior, ao mesmo tempo em que aprende que é um ser potencialmente livre para responder pelos seus atos.

Nos Alcoólicos Anônimos todos estão no grupo em busca de um fim único que é livrar-se do alcoolismo. Dessa forma, o alcoólico pode contar sua experiência para alguém que esteja enfrentando a mesma situação, o que o faz sentir-se mais compreendido. Ali todos se encontram no mesmo patamar, não havendo espaço para julgamento pela doença. Através dos relatos de cada alcoólico, o outro se comporta como um espelho, como se estivesse ouvindo sua própria experiência dolorosa, identificando-se com ela e conseguindo ver uma maneira de solucioná-la.

A escolha existencial é, segundo Ribeiro (1994), fundamental para o ser humano, pois significa que escolhemos o que aceitamos, pensamos, rejeitamos, sentimos e até como nos comportamos. O ser humano é um ser de responsabilidade, um ser permanentemente mutante, um ser de relação. Obedece aos postulados da esperança de que é sempre possível e viável ser diferente, ser novo a cada dia. Quanto mais alguém se torna consciente de quem é e do que está fazendo naquele dado momento, maior será a liberdade que poderá experimentar para mudar e mais capaz se tornará de dar respostas adequadas. Nos Alcoólicos Anônimos, o alcoólico toma consciência do seu egocentrismo e da sua prepotência e, a partir daí adquire liberdade para tomar a decisão de deixar a bebida alcoólica.

O pensamento de Ribeiro (1994) é muito semelhante ao discurso de Frankl (1993), pois ambos discutem a importância da pessoa dar significado ao seu existir. Nos Alcoólicos Anônimos, os membros começam a encontrar sentido em suas vidas, aprendem a gostar de si mesmos e a gostarem do simples fato de existirem. Esse é o ponto essencial para que a cura possa acontecer. Nos Alcoólicos Anônimos não fala-se em cura, mas em uma contínua manutenção dessa sobriedade. Os alcoólicos acreditam que o alcoolismo é uma doença incurável, sendo sempre um alcoólico.

Segundo Ribeiro (1994), processo grupal, como conceito, é um movimento energético através do qual os membros do grupo experienciam, consciente e inconscientemente os diferentes estágios de sua mudança, à procura de novos e criativos caminhos para lidar com a vida. Algo visto pelo grupo como unidade, terá mais chances de ter suas possibilidades compreendidas num desvendar-se da realidade mais próxima da sua essência, da sua vontade, do que algo percebido por uma pessoa, que será analisado a partir de uma dada experiência.

O grupo, segundo Ribeiro (1994), ensina as pessoas a usar sua própria dúvida para chegarem à verdade, a usar seus sentimentos mais profundos para fugirem da própria ambigüidade, a abrir os olhos para não enxergarem a si próprias como modelos acabados dos

outros. O grupo ensina as pessoas a serem humildes diante da própria grandeza e da dos outros, pois o dado inclui e revela o próprio mistério, revela a faticidade e nos permite usar adequadamente os próprios adjetivos. O que os Alcoólicos Anônimos pretendem é justamente ensinar ao alcoólico a ser humilde diante da sua própria grandeza.

Acredita-se que o grupo é um estado de cura, pois ali todos buscam o mesmo objetivo, se esforçam para que ela ocorra, se entristecem quando, aparentemente, nada acontece. Tal fato gera uma energia permanente de cura. Todo o campo se organiza no sentido de uma profunda harmonia nos seus subsistemas, que interagem na busca do fim comum. Confirma-se a denominação do grupo de mútua-ajuda, uma vez que os membros ajudam uns aos outros.

A cura é, pois, um dado pleno de realidade, de desejos, de fantasia, de vibração, resultado da vontade interna de cada pessoa e ressonância maravilhosa do mistério de cada componente do grupo com o outro e com o mundo. O grupo é o campo, o espaço vital onde a cura acontece (Ribeiro, 1994).

No contexto geral, curar-se significa optar por si mesmo, sem reservas, sem colocar condições. Significa acreditar que o existir é a essência do ser e que curar-se é acreditar na possibilidade da própria mudança. Curar é saber que, não obstante toda a fragilidade que o ser humano possa ter, ele pode sempre se apaixonar por si mesmo e, quem sabe, também pelos outros. O grupo oferece uma reação de espelho múltipla, onde cada um pode ver-se espelhado no outro de uma maneira ora sistemática ora caótica, mas sempre pertinente.

Desta forma, o grupo além de ter uma função terapêutica, facilitadora da cura, também fornece ao indivíduo um sentimento de pertencimento ao grupo. Isso faz com que não se sintam rotulados ou vítimas de preconceito por parte da sociedade. O alcoólico sente-se protegido e bem aceito pelo grupo. O acolhimento com que os alcoólicos são recebidos na Irmandade se contrapõe ao modo como a sociedade e a família os recebiam. O alcoólico sente-se importante, amado. Isso lhe garante forças para continuar lutando pela sua sobriedade.

No grupo dos Alcoólicos Anônimos não há nenhum castigo ou regra. Os alcoólicos se expõem nas reuniões e assumem seus problemas publicamente. O alcoólico começa a experimentar a liberdade, característica da espiritualidade. Porém, a exposição permite com que haja uma vigilância por parte da Irmandade. O fato de os Alcoólicos Anônimos estarem dispostos 24 horas por dia pode indicar isso. O alcoólico, apesar de não existir nenhum contrato por parte do A.A., sente-se no dever de não decepcionar o grupo que tanto lhe ajuda. Essa questão dá forças ao alcoólico continuar na sua busca pela sobriedade, a continuar no grupo.

## CAPÍTULO III

### A RELIGIOSIDADE NOS ALCOÓLICOS ANÔNIMOS

#### 3.1 A experiência religiosa no grupo de Alcoólicos Anônimos

Muitos dos relatos de experiências dos membros de Alcoólicos Anônimos referem-se a um contato com algum Poder Superior, seja ele denominado “Deus” ou simplesmente “Presença”. Segundo a literatura dos Alcoólicos Anônimos (1996), todos os que passaram por experiências espirituais afirmam ser isso uma realidade, que, por sua vez, geram frutos, transformando as pessoas quase que invariavelmente para melhor.

Pedi em voz alta que Deus me ajudasse. Senti uma Presença, trazendo um calor peculiar, um tom de luz diferente e mais brando e uma imensa sensação de alívio. Embora estivesse suficientemente sóbrio, disse a mim mesmo: “Você está bêbado de novo”. E fui para a cama. Pela manhã – em plena luz do dia – a Presença ainda estava lá. E, além disso, eu não estava de ressaca. Percebi que havia pedido e recebido. Daquele momento em diante, nunca mais tomei bebidas alcoólicas. Cada vez que sinto a compulsão, penso no que aconteceu e isso me mantém abstinência (A.A., 1996, 20).

Para James (1987), o racionalismo não está à altura para lidar com as experiências religiosas e místicas, pois estas se dão em um campo inconsciente e instintivo, só sendo captadas pelo sentimento. Segundo Jung (1993), tem-se a impressão de que a alma humana esconde segredos, visto que para o empírico, todas as experiências religiosas consistem num

estado especial da alma. Para o autor, se a experiência religiosa significa alguma coisa para aqueles que a têm, este algo é “tudo”. Esse pode ser um dos motivos pelos quais a religião tem como característica a continuidade, ou seja, o fiel segue os seus princípios na busca de algo ou como forma de agradecimento por alguma graça recebida. Assim, o indivíduo segue-os continuamente em sua vida. Dessa forma também acontece nos Alcoólicos Anônimos, no qual muitos alcoólicos permanecem sóbrios, mas continuam a freqüentar o grupo, seja para ajudar outros alcoólicos ou apenas para se manter abstinente.

Em desespero exclamei: “Oh, Deus, vós me abandonastes ou fui eu que vos abandonei?” Levantei e me deparei com a transformação. Tudo parecia novo, branco e limpo. Caindo de joelhos, renovei aquele contato consciente com o Deus que eu conhecera quando menino. Naquela noite, finalmente em paz comigo mesmo pela primeira vez em muitos anos, dormi durante toda a noite e acordei sem medo ou horror pelo novo dia. Vinte e seis anos depois eu ainda sinto a mesma tranqüilidade interior que advém da auto-renúncia e da aceitação da vontade de Deus (A.A., 1996, p. 22).

A expressão “Oh, Deus, vós me abandonastes?” é um traço característico das fases cruciais da individuação. Nesse momento, o Ego sente-se profundamente privado de conforto e de apoio, tanto de dentro quanto de fora. Perde-se abruptamente a confiança, baseada nas projeções e nas suposições inconscientes. Esse estado é um período de transição. É o limbo do desespero que se segue à morte da orientação da vida anterior e que precede o nascimento de uma nova vida (Jung, 1964, citado em Edínger, 1972).

James (1995, citado em Carvalho, 2005) chama de “nascidos duas vezes” aqueles que precisam morrer em seu estilo de vida e suas crenças materialistas para renascer para a

espiritualidade. O interior do homem é um campo de batalha para dois “eus”, que ele sente moralmente hostis um ao outro, sendo um real e outro ideal. Segundo o autor, os “nascidos duas vezes” sofrem uma brusca mudança de vida, uma interrupção que pode ser encarada como a morte da personalidade precedente. Os estados místicos são mais comuns nas pessoas com personalidade do tipo “nascidos duas vezes” que tendem a ter experiências bruscas e intensas. Geralmente, o mundo religioso destas pessoas e suas vivências pode demonstrar um colorido jamais encontrado nos “nascidos uma vez”, pois possuem um caráter de revelação. Após a súbita conversão dos “nascidos duas vezes”, estes são acometidos por um estado de alegria. Segundo James (1995, citado em Carvalho, 2005), tudo já estava contido no subconsciente.

Nos Alcoólicos Anônimos, o alcoólico deve chegar ao “fundo do poço” para estar disposto a parar de beber. A metáfora utilizada explica esse pensamento de William James a respeito dos “nascidos duas vezes”. Quando o alcoólico chega nessa situação, é mais fácil que ele tenha um despertar espiritual. O sociólogo Elias (2001, citado em Negreiros, 2003) acredita que a adesão às crenças é mais forte em pessoas cujas vidas são menos controláveis, mais imponderáveis, mais ameaçadoras, com perigos iminentes e imprevisíveis. Isso se aplica à realidade dos Alcoólicos Anônimos que estão com suas vidas destruídas e mudam a mesma bruscamente a partir de uma crença em um Poder Superior.

Ainda segundo William James (1995, citado em Carvalho, 2005), ao longo de sua vida, a pessoa capta idéias religiosas e as conhece, mas elas ocupam um campo periférico de sua vida. Quando há uma conversão, a questão espiritual passa a ocupar um espaço central. Após a conversão, o sujeito é invadido por uma sensação de bem-estar e felicidade, com impulso e atitudes santas. James chamou esta súbita conversão de “santificação”. A tendência à santidade apresenta-se como um impulso espontâneo motivado pela alegria de servir ao Altíssimo.

Pode-se dizer que os membros dos Alcoólicos Anônimos passam por uma conversão, pois decidem que irá morrer o alcoólico para o renascimento de uma pessoa sóbria. Isso pode ser observado no fato de que na Irmandade há uma preocupação muito grande em mudar os hábitos, os comportamentos e as atitudes que conduzem ao álcool. O sistema de evitações de Alcoólicos Anônimos é que permite tais mudanças que, se não efetuadas, levam às recaídas, tão comuns dos alcoólicos. Após essa conversão, observa-se que os alcoólicos, assim como religiosos em geral, demonstram sensações de bem-estar e felicidade por servir ao Poder Superior. “Quando aceito a vontade Superior, sinto-me aliviado, com o coração cheio de alegria. Peço a Ele que perdoe minhas falhas, me dê sabedoria para ver as falhas que não vejo só, que me ajude a melhorar” (A.A., 1996, p. 31).

Para James (1995, citado em Carvalho, 2005), a divindade não pode participar de algo que não seja o supremo bem. James não acredita que um Deus permita a existência do mal. Para o autor, nas experiências místicas vive-se um estado de elevação e esplendor, um alargamento da capacidade de compreensão. A experiência mística cria a expansão da consciência conferindo um sentido ampliado aos fatos da vida diária. A experiência mística não é estritamente uma experiência religiosa na qual se dê o encontro com o divino exterior ao ser humano – o totalmente outro. A característica mais enfatizada da experiência mística é a expansão da consciência. O ser humano tem uma visão ampliada, e descobre uma realidade superior que não é percebida nos estados comuns de consciência. A realidade oculta que se revela também é obra da divindade. Mas, é admitida a possibilidade de haver expansão da consciência desvinculada de fins religiosos. Além do valor religioso, há um valor prático para o julgamento do cotidiano. Os estados místicos não são meras experiências religiosas, são experiências de utilidade prática para a vida, pois ampliam a visão do mundo.

Bill W., um dos co-fundadores dos Alcoólicos Anônimos, testemunhou:

Minha depressão agravou-se insuportavelmente e, por fim, sentia como se estivesse no fundo do poço. Eu ainda relutava contra a idéia de um Poder maior do que eu mesmo, mas, finalmente, por um momento apenas, foi eliminado o último vestígio de minha teimosa obstinação. De repente me vi chamando: “Se existe um Deus, que Ele se revele a mim! Estou disposto a fazer qualquer coisa, qualquer coisa!”. Subitamente o quarto iluminou-se com uma forte claridade. Fui tomado por um êxtase indescritível. Parecia-me, aos olhos da mente, que eu me encontrava numa montanha e que um vento, não de ar mas de espírito, estava soprando. E em seguida ele irrompeu de tal forma sobre mim que me transformei num novo homem. Aos poucos o êxtase foi cessando. Eu continuava na cama, mas a partir de então encontrava-me em um outro mundo: um novo mundo de consciência. Em tudo o que me cercava e me perpassava havia um maravilhoso sentimento de presença, e pensei comigo mesmo: “Então...é este o Deus dos pregadores!”. Uma grande paz foi se apoderando de mim e concluí: “Não importa quão ruins as coisas possam parecer, mesmo assim está tudo bem. As coisas estão todas muito bem com Deus e com seu mundo (A.A., 1983, p. 2).

Nota-se no relato descrito acima, como em muitos dos relatos de membros dos Alcoólicos Anônimos, uma mudança de consciência resultante do contato com o Poder Superior. Com a mudança de consciência parece haver uma transformação, um mundo completamente novo, com uma sensação de paz e de proteção. O interessante é que essas pessoas afirmam que a partir desse primeiro despertar conseguem parar de beber imediatamente, sendo essa a finalidade do grupo em estudo.

É claro, estava vencido, completamente derrotado. Minha própria força de vontade simplesmente não funcionava no caso do álcool. Mudanças de ambiente, os melhores esforços de parentes, amigos, médicos e clérigos nada adiantaram no caso do meu alcoolismo. Simplesmente não conseguia parar de beber, e nenhum ser humano parecia ter a capacidade de me ajudar. Porém, quando me dispus a “limpar a casa” e, roguei a um Poder Superior, Deus, como eu o compreendia, que me libertasse, então minha obsessão para o beber sumiu. Simplesmente foi arrancada de mim (A.A., 1995, p 55).

Esse despertar espiritual, segundo Alcoólicos Anônimos (1996), tem que continuar. O álcool torna-se o Deus do alcoólico, tirando sua liberdade de escolha. Isso faz com que ele procure essa liberdade todos os dias, a liberdade de escolher permanecer sóbrio. Essa busca é constante, uma vez que, para os Alcoólicos Anônimos, ele sempre será um alcoólico. Assim também o é na tradição cristã, onde o fiel busca a salvação, embora tenha a consciência de sempre ser um pecador.

Para que o alcoólico dê continuidade ao despertar espiritual, deve seguir o programa dos Doze Passos que lhe são sugeridos. Se assim for, o alcoólico poderá se livrar pouco a pouco da vida antiga – aquela que não funcionava – para encontrar uma nova vida que pode funcionar independente de qualquer condição, não importando qual seja. Viktor Frankl (1997) segue a mesma linha de pensamento, acreditando que as pessoas encontram sentido nas situações mais difíceis e apesar de todos os percalços. O sofrimento representa a possibilidade da ocasião para conferir plenitude ao significado mais profundo da vida, segundo o autor. Nos Alcoólicos Anônimos, o Poder Superior é esse significado mais profundo da vida.

Em termos religiosos, pode-se comparar esse momento de transformação do alcoólico com o Batismo cristão. Segundo Elíade (1999), através do batismo o “homem velho” morre por imersão na água e dá nascimento a um novo ser regenerado. O nascimento iniciático (a iniciação cristã tem seu primeiro momento no batismo) implicava a morte para a existência profana. “Quando mergulhamos a cabeça na água como num sepulcro, o homem velho fica imerso, enterrado inteiramente; quando saímos da água, aparece imediatamente o homem novo” (Elíade, 1999, p. 112). Pelo batismo, o homem recupera a semelhança com Deus, segundo o autor. A nudez batismal tem um significado ritual e metafísico: o abandono da antiga veste de corrupção e pecado da qual o batizado se despoja por Cristo.

Nos Alcoólicos Anônimos, por sua vez, essa ressurreição significa a morte da vida desregrada e marcada pela irresponsabilidade que o alcoólico levava, para o nascimento de uma vida caracterizada pela sobriedade, onde este torna-se consciente de sua própria existência, do seu ser responsável pelos seus atos e pelo modo de vida que tem. Aqueles que sofrem tem uma grande oportunidade de crescimento emocional. Quem passou por esse amadurecimento não o consegue transmitir para outra pessoa. Por isso nos Alcoólicos Anônimos fala-se muito que a experiência espiritual não pode ser explicada pelo outro. Quem a experimenta consegue se colocar no lugar do outro, respeitando o ser humano em sua essência.

Os Doze Passos são princípios através dos quais os membros dos Alcoólicos Anônimos se recuperam e pelos quais funciona a Irmandade. Os Doze Passos dos Alcoólicos Anônimos consistem de um grupo de princípios espirituais em sua natureza, que se praticados como um modo de vida, podem expulsar a obsessão pela bebida e permitir que o sofredor se torne íntegro, feliz e útil. Os membros relatam que através dos Doze Passos há o crescimento espiritual (A.A., 2001).

Segundo a literatura dos Alcoólicos Anônimos, muitas pessoas não-alcoólicas dizem que, como resultado da prática dos Doze Passos de Alcoólicos Anônimos conseguiram enfrentar outras dificuldades na vida. Consideram, portanto, que estes podem significar mais do que a sobriedade para o bebedor problema, mas também um caminho para uma vida feliz e efetiva para muitos, alcoólicos ou não. Talvez esse seja um dos motivos pelos quais o programa da Irmandade seja tão poderoso, uma vez que se tem uma visão abrangente do alcoolismo, vendo-o também como um problema espiritual.

“O alcoolismo é, em nossa opinião, uma doença física, mental e espiritual, progressiva, incurável e de término fatal. Os alcoólicos que conhecemos parecem ter perdido o poder para controlar suas doses de bebidas alcoólicas (A.A., 2007)”. Essa visão que os Alcoólicos Anônimos têm a respeito do alcoolismo torna possível que seu modelo terapêutico foque o indivíduo nas suas diversas dimensões, envolvendo o indivíduo em sua totalidade.

“Admitimos que éramos impotentes perante o álcool – que tínhamos perdido o domínio sobre nossas vidas”.

Esse Primeiro Passo significa, para os Alcoólicos Anônimos, que somente através da derrota total se torna capaz de dar os primeiros passos em direção à libertação e ao poder. O princípio é de que não existirá qualquer força duradoura sem que haja antes a admissão da derrota completa. É necessário, portanto, antes de mais nada, chegar ao “fundo do poço” para que o alcoólico pratique o programa com sinceridade. Praticar os restantes onze passos dos Alcoólicos Anônimos requer a adoção de atitudes e ações que quase nenhum alcoólico que ainda esteja bebendo sonharia adotar (A.A., 2001). Nesse primeiro passo, o alcoólico, ao invés de afirmar seu egocentrismo, reconhece sua impotência. O egocentrismo consiste no

problema básico dos alcoólicos. Segundo Jung (1991, citado em Stein, 1998), o “Ego” é um termo técnico cuja origem é a palavra latina que significa “eu”. A consciência seria para o autor, a percepção dos nossos próprios sentimentos e no seu centro existe um “eu”. Como o Ego é o centro da consciência, é o centro de energia que movimenta os conteúdos da consciência e os organiza por ordem de prioridade. Portanto, o Ego do alcoólico toma a decisão de beber e mobiliza a energia física e emocional necessária para cumprir essa tarefa. O Ego é o *locus* da tomada de decisões e do livre-arbítrio.

Para os Alcoólicos Anônimos, o egocentrismo é a causa de todos os problemas. O alcoólico está preocupado consigo mesmo e necessita se libertar desse egoísmo. O alcoolismo provoca um auto-centramento – egocentrismo -, potencializando o “narcisismo” do alcoólico. Isolado e fechado em si mesmo, o alcoólico acredita que é capaz de controlar o ato de beber a partir da própria vontade. O narcisismo do alcoólico, potencializado pelo uso do álcool, o faz acreditar-se onipotente e senhor de seus atos. Com isso, o alcoólico nega para si mesmo e para os outros que é portador da doença do alcoolismo. Como consequência de seu egocentrismo, o alcoólico não vê o Outro; nega a alteridade exterior fechando-se em seu próprio universo (Campos, 2005).

Esse passo implica, assim, um momento decisivo para o reconhecimento de que existe um Outro que é sentido como divindade. Como a divindade não participa de algo que não seja o supremo bem, de acordo com o pensamento de William James (1987), o alcoólico se abre ao outro, a fazer o bem deste. Assim mesmo, é importante que o alcoólico também faça algo de bom para si mesmo, para que consiga deixar de beber, seguindo as mudanças de hábitos necessárias. O cuida de si é compreendido como um fenômeno constitutivo da existência humana. Quando não se cuida do seu ser, perde-se ele. Cuidar é voltar a ser. Preocupar-se com o seu ser é cuidar com atenção do seu bem-estar, caso contrário o ser se desintegrará. Cuidar significa cogitar, pensar, meditar, supor. Cuidar é responsabilizar-se pelo que se cuida.

Todo o processo de recuperação proposto pelos Alcoólicos Anônimos se baseia no primeiro passo. Este é a raiz principal da qual germinou e floresceu a Irmandade toda. Segundo Rodrigues e Almeida (2002), sem a admissibilidade da impotência, que implica na não-liberdade, seria impossível uma recuperação do alcoolismo. Na possibilidade, inserida no primeiro passo, de se perder o domínio sobre a própria vida, está pressuposta a crença de que, nesta condição, uma substância, no caso em questão o álcool, passa a ser a gestora de nossos destinos, não havendo espaço para a liberdade.

O alcoólico parece substituir o vício do álcool pelo Poder Superior. Muitos autores, portanto, criticam os Alcoólicos Anônimos pelo fato de que o alcoólico troca uma dependência (álcool) por outra (Deus). Assim como na religião, o indivíduo escolhe se Deus é bom ou não, perigoso ou não, segundo Jung (1993). No caso dos Alcoólicos Anônimos, como também em muitas religiões, esse Poder está sendo utilizado de maneira benéfica para o alcoólico. Para a Psicologia, como ciência, é importante levar em consideração a subjetivação que esse Poder e que as religiões geram para as pessoas.

Frankl (1997) salientou em seus escritos que uma das formas de se encontrar um sentido na vida é através do sofrimento e essa questão pode ser relevante neste ponto. Para o autor, o surgimento da tristeza é sinal de que muito se progrediu, o homem começa a encontrar-se e pressente valores. O álcool é portanto, um grande persuasor, uma vez que leva o alcoólico à racionalidade, segundo depoimentos de alcoólicos. Diante do sofrimento, o alcoólico parece encontrar um sentido: viver na sobriedade, reconhecendo que é um ser livre para tomar suas decisões. Segundo Alcoólicos Anônimos, a derrota, quando bem aceita, não significa desastre.

As precariedades do ser humano são elementos que atuam no espectro sombrio do homem. O egoísmo é um desses traços obscuros de caráter. Segundo Jung (1964, citado em Edínger, 1972), somos ensinados a amar nosso inimigo interno, a nos reconciliar com o nosso

adversário íntimo que consideramos mau. Porém, deve-se reconhecer esses traços obscuros que Jung chamou de Sombra<sup>2</sup>. A Sombra deve ser aceita para se chegar à totalidade do ser.

Na literatura dos Alcoólicos Anônimos (AA, 2001), observa-se que, para se recuperar do alcoolismo, é necessário fazer uma mudança na personalidade. Isso nos remete a esse pensamento de Jung (1964, citado em Edínger, 1972) ao falar sobre a existência da Sombra. Essa Sombra seria um aspecto da personalidade que insistimos em negar. Muitas vezes, conteúdos psíquicos negados se transformam em complexos que poderão adquirir autonomia, imunes à ação da consciência. Nessas condições, algo parece existir que nos leva em uma direção quando gostaríamos de seguir em outra, fazendo não aquilo que conscientemente sabemos ser o melhor, mas ao que as forças inconscientes nos induzem, podendo até assumir o controle da personalidade. Esse é o caso dos vícios e, portanto, do alcoolismo.

Sendo assim, a Sombra é muito perigosa quando não é reconhecida. Por isso, é tão importante que o alcoólico reconheça que é impotente perante o álcool. Dessa maneira, um grande desafio para o encontro do equilíbrio emocional é tornar consciente nossa Sombra, no processo que Jung chamou de individuação<sup>3</sup>, dando-nos uma visão mais clara de nosso *Self*, de nossa totalidade.

A Individuação é o processo de diferenciação que tem por alvo o desenvolvimento da personalidade individual. Estar em relação com a própria individualidade significa aceitar tudo o que for encontrar como aspecto dotado de sentido e significativo do todo individual.

Nota-se esse sentimento no relato de um membro dos Alcoólicos Anônimos:

Com a orientação do programa, o encorajamento e os exemplos dentro da Irmandade, pude começar a conhecer a mim mesmo e a estar preparado para aceitar aquilo que

---

<sup>2</sup> Os aspectos rejeitados e inaceitáveis da personalidade que são recalçados e formam uma estrutura compensatória para os ideais do Si-mesmo (*Self*), do Ego e para a Persona. Persona é a interface psíquica entre o indivíduo e a sociedade que constitui a identidade social de uma pessoa.

<sup>3</sup> O processo de desenvolvimento psíquico que leva ao conhecimento consciente da totalidade, de um ser único. Não se deve confundir com individualismo.

encontrasse. Aprendi que eu devia amar a mim mesmo tal como sou, por aquilo que eu poderia vir a ser. Aprendi assim, um pouco da minha mente e da minha vontade, das minhas emoções e das minhas paixões. Aprendi que posso ser uma pessoa decente, embora imperfeito; aprendi que, quando vivo conscientemente no mundo real (a sanidade), cada dia bem vivido me ajuda a compensar meu passado (A.A., 1996, p. 34).

“Viemos a acreditar que um Poder Superior a nós mesmos poderia devolver-nos à sanidade”.

Este tópico consiste no Segundo Passo. Segundo Alcoólicos Anônimos (2001), a maioria dos novos adeptos da Irmandade enfrenta um dilema a partir do momento em que lê este passo. Uns se recusam a acreditar em Deus, outros não conseguem acreditar Nele. Existem ainda aqueles que acreditam na existência de Deus, mas de forma alguma confiam que Ele levará a cabo o milagre de devolver-lhes a sanidade. A literatura dos Alcoólicos Anônimos alerta para o fato de que não há a exigência de que os membros acreditem em alguma coisa, mas que tenham a mente aberta. Segundo Alcoólicos Anônimos (1996), quando o alcoólico abre sua mente, é possível sentir e receber ajuda. É possível também, esperar que um dia se tenha alguma coisa para dar. “A alegria que pode advir de uma mente aberta é ilimitada” (A.A., 1996, p 67). A literatura dos Alcoólicos Anônimos, no entanto, adverte para o fato de que, para alcançar a sobriedade e para manter-se sóbrio, não é preciso aceitar todo o Segundo Passo de uma vez. Dessa maneira uma pessoa pode, se assim o quiser, considerar Alcoólicos Anônimos em si como seu Poder Superior.

Segundo A.A. (1996), todos os alcoólicos dirão que, uma vez do outro lado, sua fé se ampliou e se aprofundou. Libertados da obsessão pelo álcool, com suas vidas inexplicavelmente transformadas, chegaram a acreditar num Poder Superior e a maioria

começou a falar em Deus (A.A., 2001). Assim, os membros relatam que através dos Alcoólicos Anônimos descobriram de novo a fé que haviam perdido. Muitos deles procuram alguma religião específica para freqüentar.

Agnósticos, ateus ou ex-crentes podem agrupar-se neste Segundo Passo, pois ele é o ponto de convergência para todos. A verdadeira humildade e a mente aberta poderão conduzir todos à fé, e toda reunião de Alcoólicos Anônimos é uma segurança de que Deus os levará de volta à sanidade, se souberem relacionar-se corretamente com Ele (A.A., 2001).

Para os Alcoólicos Anônimos, nenhum poder humano seria capaz de afastar o alcoolismo, mas Deus poderia fazê-lo e assim faria se fosse procurado. Assim, salientam que quando se menciona a palavra “Deus” em seus escritos e reuniões, estão se referindo do próprio conceito que o membro tem desse “Deus”. Segundo Jung (1964 citado por Edínger 1972), a consciência do homem foi criada, dentre outras finalidades, para reconhecer que sua existência provém de uma unicidade superior. Como já fora mencionado anteriormente, para Jung a divindade habita dentro do ser humano e o sustenta em todo o processo de individuação. James (1987) acredita que a comunhão com esse Deus produz efeitos psicológicos, salientando que existem sentimentos de alegria por servir ao Superior.

Passamos por profundas e verdadeiras experiências espirituais que revolucionaram toda a nossa atitude em relação à vida, aos nossos companheiros e ao universo de Deus. Hoje, o princípio básico de nossas vidas é a absoluta certeza de que nosso Criador penetrou, de forma realmente milagrosa, em nossos corações e em nossas vidas. Ele começou a realizar, por nós, coisas que nunca teríamos conseguido sozinhos (A.A., 1996, p. 48).

“Decidimos entregar nossa vontade e nossa vida aos cuidados de Deus, na forma em que O concebíamos”

A eficácia de todo o programa dos Alcoólicos Anônimos dependerá de quão bem e sinceramente o alcoólico tenha tentado chegar à decisão deste Terceiro Passo. Muitos autores concluem que qualquer tipo de dependência é intoleravelmente prejudicial. Porém, segundo Alcoólicos Anônimos, a dependência de um Poder Superior jamais produziu qualquer efeito pernicioso (A.A., 1996).

O Terceiro Passo, portanto, é aquele que abre a porta. É o momento em que o alcoólico depende de “Alguém” ou “Alguma Coisa”. Somente será possível praticar com êxito outros passos do programa de Alcoólicos Anônimos quando o Terceiro Passo tenha sido experimentado com determinação e persistência (A.A., 1996). Vale ressaltar o trecho da Bíblia Sagrada: "Venha o teu reino, seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu" (Mt. 6:10). Significa, nos Alcoólicos Anônimos, estar pronto para entregar-se totalmente ao Deus que o alcoólico acredita. À medida que o membro do grupo se desenvolve seguindo o programa dos Doze Passos, descobre que o próprio Deus, sem dúvida, é a melhor fonte de estabilidade emocional. A dependência de Sua absoluta justiça, perdão e amor são saudáveis e funciona quando tudo fracassar (A.A., 1996). O alcoólico admite que existe um Outro dentro de si opondo-se a seu caráter egocêntrico, abrindo-se para um Outro que tem papel central e pode ser entendido como o *Self* (Deus) na interioridade do ser humano, segundo a linguagem de Jung. Ainda de acordo com esse autor, quando o indivíduo aceita esse “Deus” de coração aberto, se religa ao *Self* e se distancia do Ego. James (1995, citado em Carvalho, 2005) salientou que para o homem religioso tem um sentimento de pequenez diante do Superior, encontrando sua consolação na própria falta de poder e sua confiança não se encontra em si próprio, mas em Deus. Esse mesmo sentimento se apodera dos membros dos Alcoólicos

Anônimos. Jung (1995) acreditava que quando um indivíduo tem uma ligação com Deus, se submete à Ele.

“Fizemos minucioso e destemido inventário moral de nós mesmos”

Este Quarto Passo representa o desejo energético e metucioso para descobrir os obstáculos que fizeram os desejos naturais do alcoólico se deformar. É necessário olhar de frente a infelicidade que isso causou aos outros e ao alcoólico. Através desse inventário, a fé que realmente funciona seria alcançada (A.A., 1996).

O alcoolismo, segundo Alcoólicos Anônimos (A.A., 2001), é causado basicamente pelos instintos desenfreados. O alcoólico se embriagara para afogar sentimentos de medo, frustração e depressão. Dessa forma, os Alcoólicos Anônimos advertem para a desagradável sensação de olhar para esta “perversão doentia da alma”. Seria necessário admitir que o alcoólico tem muitos defeitos, mesmo que isso fosse doloroso e humilhante. Segundo a literatura de Alcoólicos Anônimos, ao progredir espiritualmente, o alcoólico passa a reconhecer a natureza desses erros, ou seja, reconhecer sua Sombra, conforme já fora mencionado.

É interessante observar nesse ponto que há uma controvérsia dos Alcoólicos Anônimos, pois é um programa estritamente moral e religioso e que vê o abuso do álcool como uma doença médica, não como uma falha moral. Em contrapartida sugere-se neste Quarto Passo fazer seu inventário determinando quais são os seus próprios defeitos de caráter.

“Admitimos perante Deus, perante nós mesmos e perante outro ser humano, a natureza exata de nossas falhas”.

Admitir os defeitos é uma prática muito antiga e presente nas religiões. A maioria dos membros de Alcoólicos Anônimos não tem dúvidas em proclamar que sem a corajosa admissão desses defeitos não conseguiriam manter-se sóbrios. Este Quinto Passo seria o começo de um verdadeiro parentesco com Deus (A.A., 1996). Também é através deste passo que os alcoólicos começam a ter sensação de que podem ser perdoados, não importando o que tivesse feito ou pensado.

Jung (1964, citado em Edínger, 1972) usou o termo “inflação” para descrever a atitude e o estado que acompanham a identificação do Ego com o *Self*. Trata-se de um estágio no qual algo pequeno (o Ego) atribui a si qualidades de algo mais amplo (o *Self*) e, portanto, está além das próprias medidas. Como o *Self* é o centro da totalidade do ser, o Ego – totalmente identificado ao *Self* – percebe-se como divindade. Um exemplo de inflação seria a onipotência, tão presente no alcoólico. É identificado como tal, pois vive um atributo de divindade, isto é, transcende os limites próprios do ser humano.

O pecado é a presunção inflada do ego, que assume as funções do *Self*. Esse crime requer punição (alienação) e restituição (arrependimento, remorso). Na tradição cristã é condenada toda característica do Ego inflado e prima-se pelo desenvolvimento de sentimentos de humildade. Há também um grande esforço no sentido de criar uma proteção contra o estado inflado. Os sete pecados capitais (orgulho, ira, inveja, luxúria, gula, avareza e cobiça), ensinamentos do catolicismo, constituem sintomas de inflação. O fato de serem considerados pecados que exigem confissão de penitência, protege deles o indivíduo. A mensagem básica das Bem-aventuranças de Jesus é que a bênção recairá sobre a personalidade não-inflada (Edínger, 1972).

Nos Alcoólicos Anônimos segue-se a mesma linha de pensamento para lidar com os membros. O Quinto Passo propõe criar uma proteção contra essa personalidade inflada, uma vez que já foi reconhecida. Este é o mesmo princípio tanto na tradição cristã quanto nos Alcoólicos Anônimos.

No momento em que o indivíduo reconhece suas falhas, caminha-se em direção à humildade. Mas é necessário reconhecê-las com a ajuda externa de Deus e de outro ser humano, pois somente uma auto-análise dos defeitos não seria suficiente. O fato de ser honesto com outra pessoa confirma que se é honesto consigo e com Deus (A.A., 1996). Por isso nos Alcoólicos Anônimos é utilizada a figura de um “padrinho”, que, assim denominado por eles, fornece comentários e conselhos sobre a situação do alcoólico.

Segundo Oliveira & Menandro (2001), o padrinho é alguém que o alcoólico tenha afinidade e a quem possa recorrer nos momentos difíceis. O momento de afiliação é marcado pelo recebimento, por parte do afiliado, de uma ficha de cor amarela que funciona como símbolo material da sua decisão. A cada três meses ocorre a troca da ficha, com alteração de cor simbolizando a mudança progressiva que se opera em seu estilo de vida. Essa mudança é ancorada no suporte do grupo e parte do preceito básico de evitar o primeiro gole. A troca de ficha pode ser acompanhada de comemoração festiva da qual participam todos os frequentadores do A.A., no intuito de saudar o tempo de abstinência e reforçar a permanência no grupo.

A figura de um padrinho e a ficha são considerados simbolismos importantes utilizados pelos Alcoólicos Anônimos. Jung (1964, citado em Edínger, 1972) considera que o símbolo leva o indivíduo à parte que falta do homem inteiro, colocando-o em relação com sua totalidade original e curando sua divisão e alienação da vida. Como o homem total é bem maior do que o Ego, o símbolo o põe em relação com as forças suprapessoais que constituem

a nossa fonte de existência e com os significados que temos. Essa é a razão para que se honre a subjetividade e que se cultive a vida simbólica.

A respeito da utilização de uma figura de “padrinho” presente nos Alcoólicos Anônimos, há uma possibilidade de comparar tal postura de A.A. com a confissão católica, em que o indivíduo tem a oportunidade de retirar de si mesmo a carga de quaisquer circunstâncias que o levaram a ter um sentimento de alienação com relação a Deus. Na confissão é estabelecido através da aceitação do padre (em sua qualidade de agente de Deus) um certo sentimento de retorno a Deus e de religação com Ele.

Nesse passo nota-se, ainda outros elementos presentes na tradição cristã. O perdão, segundo esta, deve ser reconhecido antes para que possa pedir que ele seja perdoado. Assim, Deus está preparado para perdoar qualquer um que peça perdão. Segundo a Bíblia Sagrada, no Livro dos Salmos, (86:5): “Porque tu, Senhor, és bom, e pronto a perdoar, e abundante em benignidade para com todos os que te invocam.”

O outro elemento é a humildade, pois encontramos na Bíblia uma série de homens que são retratados como exemplos da verdadeira humildade. “Sejam meus seguidores e aprendam comigo porque sou bondoso e tenho um coração humilde; e vocês encontrarão descanso” (Mt. 11.29). Pedir perdão significa que o indivíduo reconhece sua Sombra, ao passo que a humildade significa que o indivíduo a confrontou a finalidade de tornar seu Ego menos inflado e alcançar seu desenvolvimento de totalidade.

A humildade também é observada nos Alcoólicos Anônimos quando analisamos o nome da Irmandade. “Anônimos” significa um distanciamento do Ego, não havendo o personalismo. Para os Alcoólicos Anônimos, acredita-se que o princípio do anonimato tem uma enorme significação espiritual.

Lembra-nos que devemos colocar os princípios antes das personalidades, que devemos conduzir-nos realmente com genuína humildade. Isto para que as nossas bênçãos jamais nos estraguem, para que vivamos eternamente em grata contemplação d’Aquele que reina sobre todos nós (A.A., 1994, p. 45).

Neste passo, portanto, pretende-se adquirir a união do homem a “Deus” e sair do isolamento através do compartilhamento aberto e honesto do peso da culpa.

“Prontificamo-nos inteiramente a deixar que Deus removesse todos esses defeitos de caráter”.

Segundo Alcoólicos Anônimos (2001), qualquer pessoa cheia de disposição e honestidade suficientes para, repetidamente, experimentar o Sexto Passo com respeito a todos seus defeitos em absoluto, sem qualquer reserva, tem realmente andado um bom pedaço no campo espiritual. Portanto, merece ser chamado de um homem que está sinceramente empenhado em crescer à imagem e semelhança do Criador.

Segundo Jung (1964, citado em Edínger, 1972) o Ego se inicia num estado de inflação decorrente da identificação com o *Self*. Essa afinidade entre o Ego e o *Self* é ilustrada mitologicamente pela doutrina do Antigo Testamento, segundo o qual o homem (Ego) foi criado à imagem e semelhança de Deus (*Self*).

Quase a totalidade dos membros acredita que Deus pode remover os defeitos de caráter, ou se preferirem, seus pecados. Para que isso aconteça o alcoólico deve deixar que Deus remova a mania pelo álcool. E Deus faz isso. A graça de Deus pode penetrar nas profundezas e expelir essa compulsão pela bebida (A.A., 1996). Esse Passo nos remete às

idéias que foram mencionadas anteriormente, que trataram da importância do alcoólico reconhecer sua Sombra.

Segundo A.A., nenhum poder humano poderia livrar o alcoólico da compulsão pelo álcool. Entregando sua vida ao Superior, o alcoólico admite sua humildade, pois depende de um Poder Superior para tornar-se sóbrio. O álcool não mais seria o seu Senhor. Dessa forma convenci-me de que Deus se interessa por nós, seres humanos, quando realmente o buscamos (...). Camadas de orgulho e preconceito desprenderam-se de meus olhos. Um novo mundo se descortinava (...). Lá, ofereci-me humildemente a Deus, como eu então O concebía, para que Ele fizesse de mim o que desejasse. Coloquei-me, sem reservas, sob Seus cuidados e orientação. Admiti, pela primeira vez que, por mim mesmo eu nada podia. Que, sem Ele, eu estava perdido (A.A., 1994, p. 35).

O Sétimo Passo trata especificamente da humildade. Segundo Alcoólicos Anônimos, conseguir maior humildade é o princípio fundamental de cada um dos passos de A.A., pois sem um certo grau desta, nenhum alcoólico poderá permanecer sóbrio. Para os membros de A.A., a humildade é uma preciosa virtude estritamente necessária à sobriedade e à felicidade. A humildade deve ser vista primeiramente como uma necessidade, sendo um longo caminho que leva à verdadeira liberdade do espírito humano. Quando o alcoólico começa a olhar os defeitos de frente, tem-se outro pensamento em relação à humildade, pois ela começa a ter um sentido mais amplo. Uma nova e verdadeira paz de espírito é instalada.

A humildade é uma virtude que ocupa uma posição central na tradição cristã. É no sétimo passo que se efetua uma mudança na vida que permite, com humildade servindo de guia, sair de dentro de si mesmo em direção aos outros e a Deus. Essa humildade demonstra

que o indivíduo se distancia de seu egocentrismo e busca, ao invés de pensar só em si mesmo, ajudar outras pessoas.

#### Oitavo e Nono Passos.

“Fizemos uma relação de todas as pessoas a quem tínhamos prejudicado e nos dispusemos a reparar os danos a elas causados” e “Fizemos reparações diretas dos danos causados a tais pessoas, sempre que possível, salvo quando fazê-las significasse prejudicá-las ou a outrem” consistem nos Oitavo e Nono Passos, respectivamente. Esses Passos se preocupam com as relações pessoais. Primeiro, o alcoólico olha para o passado e tenta descobrir onde errou. Então, faz-se uma energética tentativa de reparar os danos que causou para, em seguida, havendo limpa do entulho do passado, concluir de que modo, com o novo conhecimento de si mesmo, pode-se desenvolver as melhores relações possíveis com todas as pessoas que se conhece. Para James (1995, citado em Carvalho, 2005), a divindade não participa de algo que não seja o supremo bem e o alcoólico passa a ter consciência disso neste Passo. A partir daí procura fazer o bem para si e para os outros. Esse sentimento altruísta que os Alcoólicos Anônimos despertam também é buscado pelas religiões.

“Continuamos fazendo o inventário pessoal e quando estávamos errados, nós o admitíamos prontamente”.

No Décimo Passo, o alcoólico começa a se submeter à maneira de viver dos Alcoólicos Anônimos. Alguém só consegue fazer alguma coisa de sua vida depois que o exame de si mesmo se torne um hábito regular, que admita e aceite o que encontre e, então, tente corrigir o que lhe pareça errado com paciência e perseverança. Jung (1964, citado em Edínger, 1972) dizia que sem pecado não há arrependimento, e sem arrependimento não há o

ato de redenção. Esse perdão seria a aceitação pelo nosso *Self* de todas as nossas tendências, incluindo aquelas sombrias, buscando um estado de integralidade ao superar, pela dialética psíquica, as polaridades. O perdão aos outros é um modo de dizer que já nos aceitamos integralmente, com nossa Sombra. O perdão é a própria aceitação da vida como ela é.

Os inventários passarão a fazer parte da vida diária do alcoólico. Aprender a identificar, admitir e corrigir as falhas todos os dias constitui a “essência da edificação do caráter e da vida reta” (A.A., 2001, p. 84). O sincero arrependimento pelos danos causados, a gratidão genuína pelas bênçãos recebidas e a disposição para tentar realizar melhores coisas amanhã são os valores que os membros dos Alcoólicos Anônimos devem procurar. Tendo feito esse exame meticuloso, o alcoólico estará pronto para agradecer a Deus por todas as graças recebidas e poderá então dormir com a consciência tranqüila (A.A., 1996).

“Procuramos, através da prece e da meditação, melhorar nosso contato consciente com Deus, na forma em que O concebíamos, rogando apenas o conhecimento de Sua vontade e relação a nós, e forças para realizar essa vontade”.

O Décimo Primeiro Passo trata da oração e da meditação, as quais são os meios principais de contato consciente com Deus (A.A., 1996). Muitos alcoólicos chegam a considerar oração e meditação como algo que possa ajudar a enfrentar uma emergência. Outros não conseguem, em princípio, entendê-las como expressão de um dom misterioso dos religiosos, do qual possa se esperar qualquer benefício. Quando essas pessoas resolvem experimentá-las, sentem-se de forma diferente e acabam capitulando totalmente diante destas. (A.A., 2001).

Os Alcoólicos Anônimos utilizam orações em suas reuniões. Segundo a Irmandade, a maioria dos membros, independente de sua religião, achou nas palavras da Oração da

Serenidade um guia para alcançar a sobriedade, continuar sóbrio e desfrutar de uma vivência sóbria. Para algumas pessoas, porém, essa oração constitui uma verdadeira prece. Vista dessa forma, poderia ter uma intencionalidade direcionada para o perdão, a cura e a paz. Alguns alcoólicos utilizam a oração em um momento de desespero, no qual está sofrendo devido às conseqüências do alcoolismo, mas que tem um desejo fervoroso de se livrar de tal situação.

Segundo Alcoólicos Anônimos todos necessitam da luz da presença de Deus, do alimento de Sua força e da atmosfera de Sua graça. Os fatos da vida de Alcoólicos Anônimos, segundo sua literatura, confirmam esta verdade. Pelo exame dos próprios pensamentos e sentimentos que se consegue uma nova visão. Ação e graça influem no lado escuro e negativo do ser (A.A., 1996).

Nos escritos dos Alcoólicos Anônimos é sugerida a oração clássica de São Francisco:

Senhor! Faze de mim um instrumento da Tua Paz; Onde há ódio, faze que eu leve o Amor; Onde há ofensa, que eu leve o Perdão; Onde há discórdia, que eu leve a União; Onde há dúvidas, que eu leve a Fé; Onde há erros, que eu leve a Verdade; Onde há desespero, que eu leve a Esperança; Onde há tristeza, que eu leve a Alegria; Onde há trevas, que eu leve a Luz! Ó Mestre! Faze que eu procure menos ser consolado, do que consolar; Ser compreendido, do que compreender; Ser amado, do que amar... Porquanto: É dando, que se recebe; É perdoando, que se é perdoado; É morrendo, que se vive para a vida eterna. Amém (A.A., 2001, p. 88).

Mais utilizada do que a oração citada acima é a oração tão conhecida pelos alcoólicos, a Oração da Serenidade. Ao final de todas as reuniões os membros dão-se as mãos e fazem as três primeiras linhas em voz alta dessa oração que diz:

Concede-me, Senhor, a serenidade necessária para aceitar as coisas que eu não posso modificar; coragem para modificar as que eu posso; e sabedoria para distinguir umas das outras. Vivendo um dia de cada vez; aceitando as dificuldades como um caminho para alcançar a paz; considerando, como tu, este mundo pecador como ele é, e não como eu gostaria que fosse; confiando que endireitarás todas as coisas se eu me render à tua vontade, para que eu possa ser moderadamente feliz nesta vida e sumamente feliz contigo na eternidade (Roamin, 1997, p 08).

Os Alcoólicos Anônimos consideram esta oração como um tesouro, pois, segundo a literatura da Irmandade, ela traz uma nova luz que pode dissipar o velho e quase fatal hábito de enganar a si mesmos: o alcoolismo.

O Poder Superior poderia trazer a sabedoria necessária para que o alcoólico consiga parar de beber. A sabedoria é considerada pelos membros de Alcoólicos Anônimos como uma inteligência espiritual. Na abordagem Junguiana, o *Self* possuiria essa sabedoria que conduziria o ser humano à verdadeira natureza, a um melhor conhecimento de si mesmo. Abandonando resistência e arrogância, o ser humano poderia conhecer a respeito de suas falhas, de sua Sombra. Os Alcoólicos Anônimos têm esse exercício muito presente em todo o seu programa, o que eles denominam como a mudança de personalidade necessária para alcançar a sobriedade.

“Tendo experimentado um despertar espiritual, graças a estes Passos, procuramos transmitir esta mensagem aos alcoólicos e praticar estes princípios em todas as nossas atividades”.

Por fim, no Décimo Segundo Passo o alcoólico começa a praticar os Doze Passos e a encontrar a sobriedade emocional. Esse Passo, segundo A.A. (1996) implica em ter visão do que trata o amor que não tem preço e significa também o que é descobrir o “despertar espiritual”. A energia maravilhosa que o Décimo Segundo Passo desencadeia e a ação pronta pela qual leva a mensagem ao próximo alcoólico sofredor são ações sobre todas as atividades que o alcoólico recebe de recompensa. Chama-se de paradoxo divino, pois ajudam um irmão alcoólico sem pedir nada em troca, porém esse algo já lhe foi dado: a sobriedade. O alcoólico descobre alegrias, experiências e mistérios jamais sonhados. É comum, entanto, a constatação de que nenhuma alegria é mais intensa e duradoura do que um Décimo Segundo Passo bem executado.

“Contemplar os olhos de homens e mulheres se abrirem maravilhados à medida em que passam da treva para a luz, suas vidas se tornando rapidamente cheias de propósito e sentido, famílias inteiras se reintegrando, o alcoólico marginalizado sendo recebido alegremente como cidadão respeitável, e acima de tudo, ver estas pessoas despertadas para a presença de Deus amantíssimo em suas vidas, são fatos que constituem a essência do bem que nos invade, quando levamos a mensagem de A.A. ao irmão sofredor (AA, 2001, p. 98)”.

## CONCLUSÃO

O modelo terapêutico dos Alcoólicos Anônimos tem muita eficácia na recuperação de alcoólicos, visto que cresce o número de adeptos a cada ano. Comparado a outros modelos terapêuticos para o mesmo problema, acredita-se que os Alcoólicos Anônimos merecem destaque. Este trabalho buscou compreender o modelo terapêutico utilizado pelos Alcoólicos Anônimos com o intuito de investigar o componente religioso presente neste. O objetivo é compreender como esse poderoso componente influencia na subjetivação dos alcoólicos que buscam livrar-se de uma dependência que lhe causa problemas em diversas áreas de sua vida.

O primeiro fator importante desse modelo é o acolhimento fornecido pelo grupo. Segundo visão de Ribeiro (1994), o grupo tem um poder de cura muito grande. Para o alcoólico, especificamente, o grupo exerce um papel fundamental, na medida em que a única pessoa que consegue penetrar no sentimento e conhecer a dificuldade do dependente é outro dependente. O sentimento de pertencimento criado pelo grupo permite com que o alcoólico chegue a um lugar onde não será julgado, pelo contrário, onde será a pessoa mais importante. Essa pessoa, que há muito já não estava sendo aceita pela família nem pela sociedade, passa a adquirir importância e sentir-se amado, facilitando o processo de recuperação.

Apesar de o grupo exercer uma função muito importante no modelo terapêutico de Alcoólicos Anônimos, acredita-se que a questão religiosa desempenhe fator determinante para o sucesso. Seria importante a realização de uma pesquisa comparando a eficácia dos métodos terapêuticos existentes para lidar com o alcoolismo, incluindo os Alcoólicos Anônimos. Acredita-se que a eficácia dos Alcoólicos Anônimos seja muito superior à de outros métodos terapêuticos existentes.

O programa de Alcoólicos Anônimos é constituído por princípios cristãos como método terapêutico. Esses princípios permitem uma alteração de consciência por parte do ser

humano, uma busca por sua totalidade. É essa experiência religiosa nos Alcoólicos Anônimos, caracterizada principalmente por um contato com um Poder Superior, que permite com que tais mudanças ocorram no alcoólico.

Os Doze Passos de Alcoólicos Anônimos estão ligados à tradição protestante norte-americana, a qual teve forte influência na fundação da Irmandade. Exemplos disso são o reconhecimento da pecaminosidade, o modelo confessional e a busca por pureza espiritual. Esses princípios podem ser explicados psicologicamente, de maneira que eles influenciam o comportamento do indivíduo. Além disso, verifica-se que nos Alcoólicos Anônimos utiliza-se de muitos símbolos presentes nas religiões. Esses elementos fornecem ao indivíduo o poder para a ocorrência da modificação interior do indivíduo. Por meio da aceitação do mundo sagrado as pessoas estariam voltando a si mesmas, aceitando-se e reconciliando-se com seus impulsos. Isso seria o crescimento espiritual que é desenvolvido pelos Alcoólicos Anônimos.

James (1987) salientou a importância de o indivíduo ter um Deus da maneira como ele O compreende. A religião pessoal descrita por esse autor permite uma ampliação da consciência. Jung (1993), por sua vez, acreditava que existia um Deus atrás de nossas representações que, tornado consciente, poderia proporcionar o desenvolvimento da totalidade do ser humano. Frankl (1997) entendia por religião a busca por um sentido, que devolveria ao indivíduo o amor a si mesmo, ajudando-o a mudar sua vida a partir da nova concepção do mundo e do fato de existir. Esses três autores deram uma importância muito grande à religiosidade e pôde-se observar que as idéias defendidas por eles podem explicar muitos comportamentos do alcoólico que vivencia um despertar espiritual.

As opiniões presentes em vários estudos sobre Alcoólicos Anônimos estão ligadas à religiosidade. A admissão da impotência e das falhas, a recuperação do lugar do alcoólico na sociedade, a visão da liberdade do homem; todos esses princípios praticados nos Alcoólicos Anônimos estão relacionados com a dimensão espiritual do ser humano. Ocorre uma

transformação do homem ao expressar sua religiosidade, cooperando para a sua recuperação.

A religião é um fator preponderante no grupo dos alcoólicos Anônimos e para a transformação moral do alcoólico. A experiência religiosa devolve o sentido da existência, consola nas perdas, ensina a importância de amar o próximo, de ser solidário, enfim é capaz de resgatar valores humanitários. O sentimento religioso dá a sensação de reconciliação com o universo, de comunhão com algo que nos transcende. A religião é capaz de inspirar sentimentos altruístas que são essenciais para readaptação social do indivíduo, pois apontam para uma nova escala de valores e condutas, novos hábitos e novas maneiras de superar as dores, as perdas, os vícios e as revoltas. Vários profissionais que estudam o comportamento humano e suas relações com o meio social defendem a importância da religiosidade como fator de estabilidade emocional do ser humano, evitando o desencadeamento de atitudes destrutivas, agressivas e intolerantes (Tomé, 2007).

O grupo de Alcoólicos Anônimos pode ser compreendido como um universo social, com ritos, representações, símbolos e valores próprios que provoca reorganizarem condutas e atribuírem significados próprios ao problema e constroem uma representação específica de si mesmo (Campos, 2005). Diante da subjetividade do indivíduo, da repercussão que o álcool gera na vida de uma pessoa e da dificuldade de adentrar na interioridade humana, o tema torna-se bastante complexo. Porém, não há dúvidas de que a religiosidade representa um componente importante para a psique humana.

Esse estudo é valioso para a Psicologia, pois o aparecimento de elementos religiosos é muito comum nos consultórios. Para o indivíduo, a experiência religiosa se caracteriza por seu extremo valor, independente de seu conteúdo. Os profissionais devem antes, entender os sentidos e significados que essa experiência gera para o indivíduo, independente da religião a que pertença. Essa é a verdadeira finalidade deste profissional.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alcoólicos Anônimos. (1983). *Na opinião do Bill. O modo de vida de A.A. (Trechos selecionados do co-fundador de A.A.)*. 13ª ed. São Paulo: Ed. CLAAB – Centro de Distribuição de Literatura de A.A. para o Brasil.
- Alcoólicos Anônimos. (1994). *A história de como milhares de homens e mulheres se recuperaram do Alcoolismo*. 3ª ed. São Paulo: Ed. CLAAB – Centro de Distribuição de Literatura de A.A. para o Brasil.
- Alcoólicos Anônimos. (1995). *Viver Sóbrio*. 4ª ed. São Paulo: Ed. JUNAAB - Junta de Serviços Gerais de Alcoólicos Anônimos do Brasil.
- Alcoólicos Anônimos. (1996). *Vimos a Acreditar*. 1ª ed. São Paulo: Ed. JUNAAB - Junta de Serviços Gerais de Alcoólicos Anônimos do Brasil.
- Alcoólicos Anônimos. (2001). *Os Doze Passos e as Doze Tradições*. 5ª ed. São Paulo: Ed. JUNAAB - Junta de Serviços Gerais de Alcoólicos Anônimos do Brasil.
- Alcoólicos Anônimos. (2007). *História dos Alcoólicos Anônimos* [online]. Disponível em: <URL:<http://www.aa.org.br/historia.htm>>. Acesso em: 14 mai. 2007.
- Almeida, L. P. & Rodrigues, J. T. (2002). *Liberdade e compulsão: uma análise da programação dos Doze Passos dos Alcoólicos Anônimos*. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 7, n. 1, p. 113-120.

- Campos, E. A. (2005). *Contágio, doença e evitação em uma associação de ex-bebedores: o caso dos Alcoólicos Anônimos*. Revista de Antropologia, v. 48, n. 1, p. 315-361.
- Carvalho, T. B. (2005). *Em busca do encontro: a demanda numinosa no contexto religioso da união do vegetal*. Dissertação de Mestrado não publicada. Programa de Pós-graduação em Psicologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- Edínger, E. F. (1972). *Ego e arquétipo*. São Paulo: Ed. Cultrix.
- Edwards, G. (1999). *O tratamento do alcoolismo*. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas.
- Faria, J. ,& Siedl, Eliane. (2005). *Religiosidade e Enfrentamento em Contextos de Saúde e Doença: Revisão da Literatura*. Psicologia: Reflexão e Crítica, v. 18, n. 3, p. 381-389.
- Frankl, V. E. (1989). *Psicoterapia e Sentido da vida: fundamentos da Logoterapia e análise existencial*. São Paulo: Ed. Quadrante.
- Frankl, V. E. (1990). *A questão do sentido em psicoterapia*. Campinas. São Paulo: Ed. Papyrus.
- Frankl, V. E. (1993). *A presença ignorada de Deus*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Vozes.
- Frankl, V. E. (1997). *Em busca de sentido: Um psicólogo no campo de concentração*. 7ª ed. Petrópolis: Ed. Vozes.

- González Rey, F. (2005). *Subjetividade, Complexidade e Pesquisa em Psicologia*. São Paulo: Ed. Pioneira Thomson Learning.
- James, W. (1987). *The Varieties of Religious Experience*. New York: Ed. Library of America. (Trabalho original publicado em 1902).
- Jung, C. G. (1991). *Tipos psicológicos*. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1991
- Jung, C.G. (1993). *Psicologia e Religião Oriental*. Petrópolis: Ed. Vozes.
- Jung, C. G. (1995). *Psicologia e religião*. Petrópolis: Ed. Vozes.
- Jung, C. G. (2002). *Memórias Sonhos e Reflexões*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira.
- Júnior, A. G., & Mahfoud, M. (2001). *As dimensões espiritual e religiosa da experiência humana: distinções e inter-relações na obra de Viktor Frankl*. Psicologia USP, São Paulo, v.12, n.2, p. 95-103.
- Lino, T. A. L. (2006). *Alcoolismo: da causa à doença*. Trabalho de Licenciatura. Disponível em <[www.psicologia.com.pt/artigos/textos/TL0054.pdf](http://www.psicologia.com.pt/artigos/textos/TL0054.pdf)> Acesso em: 05 abr. 2007.
- Elíade, M. (1999). *O Sagrado e o profano – A essência das religiões*. São Paulo: Ed. Martins Fontes.
- Negreiros, T. C. G. (2003). *Revista Mal-Estar e subjetividade*, v. 3, n. 2, p. 275 - 291.

- Oliveira, R. G. & Menandro, P. R. M. (2001). *Em busca de uma nova identidade: o grupo de Alcoólicos Anônimos*. Estudos de Psicologia, Campinas - SP, v. 18, n. 3, p. 5-21.
- Ribeiro, J. P. (1994). *Gestalt-terapia, o processo grupal – uma abordagem fenomenológica da teoria do campo e holística*. São Paulo: Ed. Summus.
- Rodrigues, J. T. & Almeida, L. P. (2002). *Liberdade e compulsão: uma análise da programação dos doze passos dos Alcoólicos Anônimos*. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 7, n. 1, p. 113-120, jan.
- Roehe, M, V. (2004). *Experiência religiosa em grupos de auto-ajuda: o exemplo de neuróticos Anônimos*. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 9, n. 3, p. 399-407.
- Romain, P. S. (1997). *Oração da Serenidade*. Campinas: Ed. Versus.
- Ruas, C. (2004). *Alcoolismo*. Disponível em: < [www.smp.org.br](http://www.smp.org.br) > Acesso em: 12 jun. 2007
- Secretaria Nacional Antidrogas. (2007). *Aspectos básicos do tratamento da Síndrome de Dependências de Substâncias Psicoativas*. Disponível em: < [http://www.senad.gov.br/publicacoes/aspectos/aspec\\_a9.htm](http://www.senad.gov.br/publicacoes/aspectos/aspec_a9.htm) > Acesso em 05 mai. 2007
- Stein, M. (1998). *Jung (O mapa da Alma)*. São Paulo: Ed. Cultrix.
- Tomé, F. T. (1999). *A influência da religião na ressocialização de detentos no presídio regional de Santa Maria – RS*. Monografia de Graduação em Direito. Universidade Federal de Santa Maria –RS.

Xavier, M. (2006). *O conceito de religiosidade em C. G. Jung*. PSICO, v. 37, n. 2, p. 183-189.

Zimerman, D. E. (1993). *Modalidades Grupais. Fundamentos Básicos das Grupoterapias*. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas.

### ANEXOS (Os Doze Passos de Alcoólicos Anônimos)

1. “Admitimos que éramos impotentes perante o álcool - que tínhamos perdido o domínio sobre nossas vidas”.
2. “Viemos a acreditar que um Poder Superior a nós mesmos poderia devolver-nos à sanidade”.
3. “Decidimos entregar nossa vontade e nossa vida aos cuidados de Deus, na forma em que O concebíamos”.
4. “ Fizemos minucioso e destemido inventário moral de nós mesmos”.
5. “Admitimos perante Deus, perante nós mesmos e perante outro ser humano, a natureza exata de nossas falhas”.
6. “Prontificamo-nos inteiramente a deixar que Deus removesse todos esses defeitos de caráter”.
7. “Humildemente rogamos a Ele que nos livrasse de nossas imperfeições”.
8. “ Fizemos uma relação de todas as pessoas a quem tínhamos prejudicado e nos dispusemos a reparar os danos a elas causados”.
9. “ Fizemos reparações diretas dos danos causados a tais pessoas, sempre que possível, salvo quando fazê-las significasse prejudicá-las ou a outrem”.
10. “Continuamos fazendo o inventário pessoal e, quando estávamos errados, nós o admitíamos prontamente”.
11. “Procuramos, através da prece e da meditação, melhorar nosso contato consciente com Deus, na forma em que O concebíamos, rogando apenas o conhecimento de Sua vontade e relação a nós, e forças para realizar essa vontade”.
12. “Tendo experimentado um despertar espiritual, graças a estes Passos, procuramos transmitir esta mensagem aos alcoólicos e praticar estes princípios em todas as nossas atividades”.